

AVULSO

ESC.
1.20

ANO II—N.º 94

4

MARÇO
1943

Oferta
-0. NOV. 1998

1544



Milú

Artista de Cinema

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades





ALVES REDOL

Uma das grandes revelações da moderna literatura portuguesa, verdadeira consagração entre os novos, vem de obter mais um triunfo literário com a próxima publicação, em Itália, da tradução do seu último e magnífico romance «Aveiros».



COMANDANTE HENRIQUE TENREIRO

Presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, a população cezimbrense — população essencialmente piscatória, que lhe deve assinalados serviços — prestou-lhe há dias uma significativa homenagem de apreço e gratidão.



DR. RUI GUERREIRO

Novo professor da Escola de Medicina Veterinária. Tendo feito uma carreira brilhantíssima nos seus estudos, teve agora a justa consagração das suas qualidades de inteligência, sendo admitido, por méritos próprios, para o desempenho desse alto cargo do nosso ensino superior.

AQUI entre Nós

Inventário & Balanço

UM VULTO DAS LETRAS

PASSOU agora o centenário de Teófilo Braga. A Academia e várias outras instituições comemoraram o feito, que bem merecia, realmente, a recordação. A figura de Teófilo é bem daquelas que ficam para além das simplicidades ou das complicações que se revelem em qualquer debate: a extensão e profundidade do seu labor constante ficaram documentadas numa obra enorme, que permanece à mão de semear para as mais proveitosas consultas: trabalho sólido e sério — tão sério e tão sólido como a própria maneira de ser do homem que se recolhia na sua tranquilidade e que tinha, paradoxalmente, o orgulho da sua modéstia.

A QUEDA DO «CLIPPER»

O palácio voador chegou ao termo da viagem e sucumbiu. Qualquer que tivesse sido a razão técnica do acidente — enquanto os técnicos permanecem friamente debruçados na sua autópsia ao monstro de aço — fica principalmente como traço inesquecível a dor dos que perderam no trágico acidente alguns elos de amizade e de família. A aeronave tocou a terra da sua longa rota sobre o Oceano e os passageiros preparavam-se já nos últimos retoques para o desembarque. Mal tiveram tempo, porém, para se dar conta do acidente estúpido e brutal que roubou 24 vidas. O destino tem destas coisas dolorosamente incompreensíveis.

NEVE NA SERRA

DEVE entender-se que o difícil, realmente, não é suportar as agruras da Natureza. O difícil está em provermo-nos todos de meios para viver nelas, sem lhes sentirmos o malefício, antes sendo capazes de descobrir meio e sistema de lhes extrair as vantagens mais difíceis de revelar-se. Assim, o frio... Quantas dores nós avaliamos nos outros pelas amostras que nos traz o nosso inverno benigno? E logo vemos desfilar o cortejo de agruras de tantos, por esse mundo fora, que não têm onde abrigar-se. Não obstante, de cada vez que chega notícia de cair neve na Serra da Estrêla, percebe-se o tom de alegria que provém do informe, pois já se sabe que logo acode multidão estridula de juventude a quem o lençol branco sobre a montanha se oferece como campo propício para jogos de feliz actividade. A prolongada sabeldoria dos povos diz que dá Deus frio conforme a roupa. Quere isto dizer, afinal, que tudo, mesmo o que supomos mais definitivamente estabelecido, é bastante susceptível de correcções.

HOMEM CRISTO

MORREU Homem Cristo. É uma época que entra na História — pela porta do túmulo. E a História é a discussão. Homem Cristo, que foi talvez o mais discutido português da sua época, era ele mesmo como que um deus da discussão. Cada problema lhe era familiar e, se a muitos tratava pela rama, a outros estudou profundamente. Era, principalmente, um batalhador, quasi sempre impulsivo, algumas vezes injusto, mas sempre sincero, mesmo nas suas injustiças. Foi um Homem que morreu. Um Homem com H maiúsculo.

PORTUGAL-ESPANHA

PORTUGAL e Espanha assinaram um acordo comercial. É, evidentemente, um complemento prático dos acordos de natureza política celebrados por ocasião da visita do conde Jordana a Lisboa. Povos vizinhos, com interesses, em muitos casos, compreensivelmente partilhados, o ajustamento das suas relações é o produto normal de uma compreensão tão fácil como necessária,



DR. JOSÉ CRESPO

tasmas, e se a nossa admiração pela obra está longe de ser incondicional, há duas coisas de que, como portugueses, nos devemos orgulhar: a maneira, cheia de dignidade artística, que caracterizou a interpretação — e o culto estético, sem dúvida notável, que presidiu à montagem. A empresa do D. Maria honrou-se — e honrou-nos. Quanto à peça, repetimos, a nossa admiração é muito menos incondicional. *Elettra* e os *Fantasma*s, não obstante os encomios erigidos, à sua volta, está, quanto a nós, longe de poder reivindicar para o seu autor o título de «Shakespeare moderno» que alguns pretendem atribuir-lhe. Teatralmente, está-se em presença duma acção que alastra em 14 actos para nos dar um drama, até certo ponto cinematográfico, que nos não comove; moralmente, assiste-se a uma teoria de designios criminosos que, se fosse apresentada por um autor português, teria sido inteiramente reprovada pela policia de costumes.

Médico e escritor, que acaba de publicar, numa bela edição, profusamente ilustrada, «Santa Isabel na Doença e na Morte», livro notável de literatura e de investigação histórica que está sendo apreciado e discutido com invulgar interesse.



DR. REINALDO DOS SANTOS

Professor eminente e notável crítico de arte, realizou há dias uma conferência na Sociedade de Geografia, intitulada «O Espírito da essência da arte portuguesa», que constituiu um notável acontecimento do nosso meio artístico e intelectual.



LUIS PALMEIRIM

Jornalista e homem de teatro, faleceu há dias em Lisboa, Esforçado e brilhante trabalhador da imprensa, a quem consagramos, pelas suas qualidades morais e de inteligência verdadeiro apreço, era redactor do «Jornal do Comércio» e foi, por vezes, colaborador desta revista.



DENTRO de três dias teremos, oficialmente, o Carnaval. Dantes chamava-se Entrudo. É — caso curioso, notado por um dos seus biógrafos — o Entrudo português desde que afrancesou o nome perdeu o cunho nacional. O nosso Entrudo fóra, talvez, brutal, agressivo, violento, inimigo do chapéu alto e dos conselheiros de Estado, da política e da tranquilidade pública — mas era alguma coisa. O Carnaval, esse, entre nós, foi sempre pouco menos do que uma convenção mundana. Pois essa própria convenção se diluiu. Hoje os três dias chamados carnavalescos não são mais do que uma comemoração fúnebre.



A abertura do D. Maria, depois das longas obras a que foi sujeito, constituiu um dos grandes acontecimentos teatrais e mundanos da temporada. O teatro reabriu com a falada trilogia de Eugénio O'Neill, intitulada *Elettra* e os *Fan-*



AQUILINO Ribeiro — o nosso forte, saudável e portuquíssimo Aquilino — dizia, uma vez, que, exceptuando o Cavaleiro de Oliveira que verteu lá por fora o seu mau humor, e Eça de Queiroz (que, de resto, escreveu sempre de olhos fitos em Portugal) o português era uma destas criaturas que só vicejava no seu canteiro, que vai de Melgaço a Olhão. Na verdade, o português assemelha-se a uma figura de teatro que só ressalta no seu cenário. Tirem-no do seu meio, do seu «clima» — como agora se diz — e ele entristerce, à semelhança dos viúvos sinceros. O português, a quem se atribue, com mais ou menos razão, o feito de aventureiro, nasceu para Portugal. O mundo, para ele, não passa dum recurso. Para o seu espirito fundamentalmente regionalista, o mundo constitue, afinal, uma espécie de *Grandes Armazéns* onde ele vai, um pouco à aventura, fazer as suas compras — incluindo as dos ideais.



Uma pintora francesa lancou-se à descoberta da paisagem portuguesa



val do mundo sóprou-a até nós — de Paris para o Algarve, sem transição. Apaixonou-se por tudo quanto viu, por tudo o que lhe penetrava a sua alma de artista com uma veemência nova, meridional. Os salineiros, os pescadores, os homens que carregam, as filas desarticuladas dos carregadores de figo — tudo isso Helène Beauvoir fixou em tintas novas, que a sua paleta não conhecia ainda.

— As cores — diz ela — eram mais crúas; as sombras mais transparentes...

E a pintora faz-nos uma confiança: chegou a ter que pôr óculos fumados, quando pintava, para se defender do sol! Isto não quer dizer que não tenha visto a verdadeira cor. Viu e, mais que isso, sentiu. O artista não é apenas o transmissor material de imagens, mais importante que seja capaz de nos comunicar a sua impressão delas. E esse é bem o caso de Helène Beauvoir, que nos veio mostrar a nós, portugueses, aspectos novos da nossa paisagem. Helène Beauvoir... O seu nome é talvez simbólico: *Beau voir...*

Decididamente, *elle a beau vu...*

ESTA pintora veio de França. Veio de França como tudo que é graça e simplicidade. Veio para Portugal, viu as coisas, as pessoas, a paisagem, os costumes, a cor, a luz. Oh! a luz! Esta luz crua, forte, plena de intensidade, que queimava os seus olhos afeitos à nebulosidade parda da Ille de France... Mas a luz cegava-a — e obcecava-a: a luz e o encanto. Começou a ver, a descobrir, a pintar: o Algarve, a região de Leiria. Ela mesma o diz: não lhe interessam os aglomerados urbanos, o que mais a prende é a própria natureza — ainda que o homem apareça como fragmento dessa natureza, tudo banhado no mesmo banho de luz.

Helène Beauvoir veio sem transição de Paris para o Algarve. Críticos de nomeada, entre eles o nosso conhecido Eugénio d'Ors, louvaram calorosamente a sua exposição de 1936, em Paris. A artista continuou trabalhando, com todo o seu ardor e toda a sua convicção. O venda-



7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso

A MIGO O filme a que vais assistir não é uma simples fantasia, uma criação fictícia de pessoas que nunca existiram ou coisas que nunca podiam ter acontecido. É uma parábola. Acredita! Mas não te assustes, porque não te aborrecerás.

«Major Bárbara» é, ao mesmo tempo, na minha opinião, uma verdade e uma inspiração. Algumas personagens são verdadeiras. Pessoas que eu conheci e com quem falei. Uma delas podes ser tu. Nos outros, encontramos sempre um pouco de nós próprios. Todos nós, temos também alguma coisa dos outros. Se, porém, não gostares do filme, crê que a decepção será mútua.

«Mas diz-me: alguma vez te decepcionei? Não terei sido sempre, porventura, o teu mais fiel servidor?»

É com stas palavras, assinadas pelo próprio punho, que Bernard Shaw nos apresenta o seu «Major Bárbara». Encantadoras de imodestia, modelares na ironia, sublimes na habilidade.

«Se não entenderes o filme, a decepção será mútua...» Por outras palavras: tu não gostarás do espectáculo — e eu terei a decepção de te haver suposto inteligente...»

Esta introdução era indispensável, para acalmar «o monstro das mil cabeças», que é o público. E o público foi exemplar, na docilidade e no esforço de compreensão! Fêz o possível e o impossível para entender o sentido satírico de certas passagens — e acabou por renunciar a tão ingrata tarefa, comentando com os seus botões: «o melhor é calar-se — não vá o Bernard Shaw

deshindir-se perante a minha impidez»...

Com efeito, «Major Bárbara» não é uma sátira, nem um filme de tese. Nestes casos, tiráramos, uma conclusão — ou, pelo menos, descortináramos uma intenção. E salvo o devido respeito pela opinião do Mestre Irlandês, tão pouco é uma parábola — «narração de sucesso imaginário, do qual se extrai alguma moralidade». Porque de «Major Bárbara» não se colhe uma conclusão, moralidade, intenção ou coisa que as valha.

O que é então o filme, na sua essência literária? Quanto a nós, e apenas, a comédia humana, ou melhor, a comédia de certa fauna humana, escrita com ironia e com sarcasmo, posta a nú com crueldade, analisada impiedosamente por um sádico de espírito. Bernard Shaw não fica na História, apenas como um dramaturgo de génio — mas como um maledicente temível! E a sua má-língua não se detém perante as coisas mais sérias da vida, as instituições mais respeitáveis, ou as personalidades mais em evidência. As suas obras, dum modo geral, reflectem azedume e misantropia, coadas por aquela obstinação que é uma das características irlandesas. Em «Major Bárbara», a humanidade aparece retratada sob o aspecto mais condenável. É o sudário completo da miséria da alma, da consciência e do espírito. O poder satânico do dinheiro, a dissimulação, a hipocrisia, a mentira e a cupidiez, campeiam! Bernard Shaw parece comprazer-se em trazer à superfície os detritos da vasa humana, para revelar um aspecto condenável que

a podridão escondial...

Na sua obra de humorista — não há bom-humor, mas mau-humor. E sob a aparência de brincar com fantoches — Shaw, em «Major Bárbara», revela monstros e consciências disformes.

Sátira, parábola ou obra de tese?! Não! É um simples mostruário da patologia humana. Shaw serve-se da caneta, como dum ponteiro, para chamar a atenção do espectador para este ou aquêle aspecto dos titeres que criou.

«Major Bárbara» é um espectáculo «pesado» — como vulgarmente se diz?! Muito pelo contrário! O público ri com frequência. Porque Shaw adopta a atitude daqueles que ao ver um marreco, lhe batem na bossa, e perguntam «como vai o gasogénio?» O preceito latino do «ridendo castigat mores» não se aplica a esta obra. Porque dela não resalta uma directriz ou uma conclusão. Bernard Shaw sobre as monstruosidades da alma, faz espirito. Os seus paradoxos, tão engenhosos como demolidores, brilham, novamente, a grande altura. As «boutades» cruéis, os conceitos amargos, os malabarismos da ironia, esmaltam os diálogos — e fazem sangrar. Fazem sangrar — e fazem «rir». São duplamente deshumanos. E constituem, em globo, um espectáculo. Um espectáculo — de palavras cruzadas...

Durante anos e anos — Bernard Shaw disse mal do cinema. As suas opiniões correram o mundo. Negou-se a consentir na adaptação à tela das suas peças, com uma indignação semelhante à do ateu, convidado a ajoelhar diante dum altar... Mas, um dia, apareceu Gabriel Pascal, com a mirífica idéia de levar «Pigmaleão» para os estúdios. Shaw aprovou. Shaw gostou, Shaw ganhou muito dinheiro... E «Major Bárbara» veio logo a seguir. Mas o autor de «Santa Joana» ditou as suas condições: só ele as poderia adaptar à tela. «Era preciso acabar com a lenda de que apenas os «grooms» dos elevadores ou os saltapocinhas tinham qualidades para transportar literariamente para o cinema uma peça de Shakespeare — ou doutro génio qualquer».

Pascal aceitou. E a miséria e grandeza das versões cinematográficas dos filmes de Bernard Shaw — estão neste facto. Acima de tudo, continuam a ser, mesmo na tela branca, única e exclusivamente, peças de Bernard Shaw.

Muitos têm procurado denegrir o trabalho de Pascal. Mas não me

parece justo. Em «Major Bárbara» éle defendeu com brio e com brilho a «avalanche» de diálogos, em que o filme se resume. E soube escolher os intérpretes e pô-los a representar diante da câmara, com uma convicção invulgar.

O leitor, se gosta de Bernard Shaw deve ir ver «Major Bárbara». Renuncie, de ante-mão, claro está, ao trabalho de perceber o filme. Mas não desanime nem se assuste, porque Shaw não o decepcionará... Ele prometeu — e cumpriu!

«Uma noiva caída do céu» é uma comédia deliciosa. A antítese completa da obra a que aludimos anteriormente. Alegria, mocidade, bom humor e optimismo — são as suas características dominantes! É um espectáculo reconfortante, nestes dias sombrios que vivemos.

A história é simples. Mas além de ter, em alto grau, certa dose de originalidade — está «trabalhada» primorosamente pelos argumentistas da Cinelândia, que exploraram, até ao fim, as situações, recheando-as de saborosíssimos «gags» e de hilariantes episódios.

Bette Davis é a protagonista. Actriz dramática de primeira plana, parece-nos francamente deslocada na comédia. Tão deslocada, que ficamos com a impressão, ao ver o filme, de que ela o interpretou nas horas de recreio — entre duas cenas do drama que se rodava, no estúdio ao lado. Segundo o exemplo de Garbo, os produtores da Warner quiseram tentar a sorte, trazendo Bette Davis para os domínios da comédia franca.

E verifica-se isto: sem Garbo, «Ninotchka» e «A Mulher de duas Caras» perderiam muito; sem Bette Davis, «Uma noiva caída do Céu» poderia ganhar, se se fosse buscar uma vedeta mais afeita ao género — como Priscilla Lane, por exemplo.

James Cagney está como peixe na água. É um artista assombroso, tão grande na comédia como no drama! Admirável de naturalidade, de fantasia, de vivacidade — a sua actuação eleva-o a grande altura. E parece-me, apesar de tudo, que Cagney não conta no nosso público a simpatia que merece. É uma injustiça a reparar.

«Uma noiva caída do Céu» — se quisermos catalogar os filmes apresentados, e arrumá-los em grupos segundo as nossas preferências — ficará no número das melhores comédias da temporada!

Viejo na hora própria, quanto mais não seja para opor ao humorismo mórbido e derrotista de Bernard Shaw — este humorismo «yankee», menos genial talvez, mas muito mais sadio...

Caída do céu — Bette Davis experimenta os espinhos da terra...





Este foi um «cliché» difícil de fazer. Chatel fugiu à perseguição do nosso fotógrafo durante quatro dias — mas, por fim, a objectiva «apanhou-o», quando o antigo governador geral da Argélia desca, despreocupado, a Avenida da Liberdade...

A GRAFO-PSICOLOGIA, AUXILIAR DA JUSTIÇA

por Clotilde Randi

UM dos mais interessantes aspectos da grafo-psicologia é aquele que trata da identificação dos escritos ou seja a pericia quírografa.

No caso Dreyfus, foi a grafologia que reabilitou este cidadão francês vítima do ódio político e do erro dos peritos caligráficos.

Um outro caso digno de se contar. Quando o sr. Artur Bernardes era candidato à presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, apareceram com o fim de o liquidar num jornal da oposição, umas cartas muito injuriosas para o exército, atribuídas àquela político. Apesar da flagrante semelhança da letra e assinatura das cartas, com a escrita habitual do sr. Artur Bernardes, este negou formalmente que fosse o autor de tais documentos.

Chamados os peritos caligráficos disseram, baseados no seu método primário, que as cartas eram do punho do sr. Artur Bernardes. Mas ninguém se convenceu.

Vieram porém de Sim (França) dois grafólogos célebres — Edouard Rougement, muito notabilizado pelos seus retratos grafológicos, e Solange Pellat, director da Société Technique des Experts en Ecriture, e verificaram que as cartas não eram do punho do sr. Artur Bernardes.

Estes grafólogos seguiram, à manei-

ra de rigoroso decalque, a escrita das cartas e da escrita do sr. Bernardes, com a ponta maior duma caneta, observando que a personalidade de ambos os escritos era diferente, dadas as pequenas semelhanças notadas, e a falta de continuidade lógica, a carência de espontaneidade que existia nas cartas e que toda a gente mantém na sua própria letra.

A policia pôs-se em campo. O falsário, individuo de grande habilidade, foi preso e confessou a falsificação.

A grafo-psicologia salvou o dr. Artur Bernardes que foi eleito presidente dos Estados Unidos do Brasil.

CONSULTÓRIO

20 — LICUNGO — S. Miguel — Acções — Pessoa que confia pouco nos outros, tornando-se facilmente agressivo. Casmurrie.

21 — AÉRO — S. Miguel — Uma das principais dominantes: o bom humor, todavia está com facilidade em obsessões. Carácter desstimulado.

22 — UM RAPAZ DE OLHOS CASTANHOS — Lisboa — Pessoa vulgar de carácter instável. Acentuada indolência.

23 — GIL PALHA — Lisboa — Carácter activo, mas tímido. Cultura.

Chatel, antigo governador da Argélia, está em Lisboa!

ISÔ não é um artigo «à sensação». Tão pouco é uma reportagem ou uma entrevista: é apenas um relatório de jornalista em palpos de aranha para encontrar o motivo das suas inquietações: M. Yves Chatel, um homem de menos de 50 anos, com um chapéu castanho derrubado sobre os olhos, um grosso sobretudo de quadrados cor de cinza e uma bengala clara. Além disso, tem dois dentes com placa de ouro e usa cache-col...

Isto não é um artigo, nem muito menos uma entrevista. Mas, à falta de melhor, talvez, o leitor se decida...

UM TELEFONE QUE SE DESLIGA

Vinte e uma horas. Ligamos para o hotel onde se encontra M. Chatel, o homem que Peyrouton foi substituir no governo geral da Argélia. M. Peyrouton é giraudista; M. Chatel era, mais ou menos, darlanista. A sua presença em Africa, portanto, longe de aplanar dificuldades, só podia aumentá-las, perante o choque das facções — principalmente depois da morte de Darlan. A retirada de Chatel, do norte de Africa, é, apenas, uma retirada estratégica... E ele saiu, portanto, da Argélia. As agências telegráficas anunciaram a sua partida, e a nossa imprensa acusou a sua chegada. M. Chatel trazia a bagagem e a esposa — o que podia fazer supor que a sua auscência seria de longa duração. Por outro lado, anunciara-se — dissera-o um telegrama — que ele era portador de uma mensagem de Giraud para De Gaulle — o que dava a entender que sua última etapa estava em Londres e que ali é que iria desafivelar as malas...

Quando, do outro lado do fio, M. Chatel responde com o seu «allô», percebemos logo que estamos em presença de uma pessoa abordável. Pedimos-lhe que nos receba, mas ele insiste com uma «voz risonha»: «mais pas possible... rien à dire...».

Tão pouco promete prestar-se a uma «pose»... Insistimos com o «Allô! Allô!» — mas a telefonista interveio a dizer que «monsieur» já tinha desligado...

UMA PISTA E UMA RESOLUÇÃO

Apuramos que M. Chatel sai todos os dias entre as 8 e 8,30 — vai à missa de S. Domingos, dizem-nos — e decidimo-nos a uma tentativa: esperá-lo, abordá-lo e fotografá-lo à saída do hotel. E às 8 horas, de facto, lá estamos. Monsieur et Madame estão ainda nos aposentos. Todos os hóspedes estão ainda nos aposentos. Pelo telefone, reclamam jornais. No «hall» começa a limpeza...

Oito e trinta. Começamos a sobressaltar-nos. Mas asseguram-nos

que ele ainda não saiu e que, possivelmente, não frequenta a missa naquele dia. O nosso fotógrafo está de atalaia, à espera do sinal identificativo, para o «apanhar» mais cedo à saída do hotel. Há um frio e uma neblina de um dia que se anuncia sem sol... Por força que o hotel há-de ter duas saídas — e, então, quem sabe se...

Novo horas... Nove e trinta... Dez menos um quarto... Surpreendemos um gesto de identificação: é aquele, ali ao pé do telefone do «hall»...

UM DIÁLOGO QUE VALE UMA ENTREVISTA

M. Chantel vem só. Insiste no sorriso e na recusa: não tem nada a dizer...

— Mas vai seguir para Londres?

— Fico uma temporada em Portugal. É preferível deixar abrandar as ondas da procela...

— Fica em Lisboa?

— Talvez no Estoril...

— Só para descansar?

— Sou o delegado geral da Cruz Vermelha Francesa no Norte de Africa. Tenho, por isso, imenso que fazer aqui. Encomendas para prisioneiros, muita coisa, mesmo muita coisa...

— Mas, então, quem leva a mensagem que o general Giraud enviou ao general De Gaulle?

— Não sei de nenhuma mensagem...

— As agências telegráficas disseram...

— Bem sabe que os jornais dizem muita mentira... Garanto-lhe que não fui portador de nenhuma mensagem...

— E a que pediu ontem, telegraficamente, para Argel?

— Dizia respeito, apenas, a assuntos da Cruz Vermelha...

— La sair. Vai à missa?

— Não — diz M. Chatel, rindo — só vou à missa aos domingos...

— Mas sai todas as manhãs...

— Tenho afazeres... A Cruz Vermelha...

— Sobre a politica, em que tem papel saliente...

— Tenho, não; tive — se é que tive. Hoje quero ficar retirado, confiado nos bons destinos da França...

— Portanto...

— Lamento: mas não sou uma figura que chegue a ser interessante para entrevista sensacional...

— Mas...

— Dê-me o seu endereço. Talvez que em breve lhe mande dizer para passar por cá... Talvez que tenha boas notícias...

FUGIU COMO POR EVAPORAÇÃO

Saimos, para ir ter com o fotógrafo. Damos-lhe todos os sinais. Os nossos olhos não se despegam da porta... Mas a fotografia não se faz porque M. Chatel, en train de ir passear — tinha-se eclipsado como por evaporação, e nunca mais se viu de sobretudo cinzento e bengalinha clara. A foto que reproduzimos, muito bem assim o diz...

RUMORES DO MUNDO

Quais eram os objectivos teóricos e quais foram os resultados práticos da conferência político-militar de Casablanca?

PODEM considerar-se os objectivos da reunião assim divididos: — 1) nomeação do supremo comando anglo-americano em África. 2) aprovação e estudo dos planos de ofensivas militares a desencadear durante o ano de 1943 — julgando-se estarem incluídos nestes planos a invasão do continente europeu e o ofensiva contra os submarinos do Eixo; 3) estabelecimento de mais íntima colaboração entre a China e a Rússia, por um lado, e as potências anglo-saxónicas, por outro; 4) tentativa de instituir completo acordo entre as duas facções de franceses combatentes.

Os dois primeiros desígnios podem considerar-se plenamente atingidos. Todavia, o mesmo não se pode dizer, a respeito do 3.º ponto que foi apenas parcialmente resolvido. E, quanto à 4.ª disposição, os resultados são ainda muito duvidosos e estão dependentes de futuras negociações entre os representantes dos generais Giraud e De Gaulle.

Devido à retirada alemã ao longo da frente oriental, foram mobilizadas todas as reservas operárias do III Reich. Qual é a entidade oficial que dirige este verdadeiro exército de trabalhadores e quais as medidas adoptadas para dar maior rendimento à mão de obra?

Oridente das organizações operárias alemãs é Fritz Sauckel. A ele deve a Alemanha a publicação dum recente decreto que mobiliza todo o potencial humano, masculino e feminino.

A acção do Director do Trabalho alemão tem-se feito sentir também na Polónia, Itália, França e outros países ocupados onde estão a ser drenados, em grande número, operários para trabalhar na Alemanha.

Com o decreto, há pouco publicado, saiu a ordem de que todos os alemães compreendidos entre as idades de 16 e 65 anos, e todas as alemãs dos 17 aos 45, deviam registar-se imediatamente nas listas de trabalho de forma a poderem ser mobilizados para a «defesa do Reich».

Exceptuam-se, unicamente, as pessoas que já estejam a trabalhar, os estudantes, os padres e as mulheres com um filho de idade inferior àquela com que pode frequentar a escola ou com dois filhos de idade inferior a 14 anos.

As mulheres com um único filho em idade escolar não serão chamadas enquanto não forem aborvidas todas as mulheres sem filhos.

A emissora de Berlim quando radiodifundiu esta notícia fez saber que «seriam realizados todos os esforços para não destruir a unidade familiar e que as mulheres só teriam de trabalhar nas terras em que vivessem».

Quem é o sucessor de Heydrich, famoso chefe da S. S. alemã morto a tiro numa rua de Praga?

REINHARDT Heydrich foi assassinado em Junho de 1942, mas só agora foi nomeado, pelo chanceler Hitler, o seu sucessor nos cargos de chefe da Polícia Secreta e dos Serviços de Segurança.

Heydrich, que tinha 38 anos, acumulava com aquelas funções o posto de Protector da Boémia e Morávia, que lhe grangeou inúmeros inimigos entre os membros das associações anti-nazis da antiga Checo-Eslováquia. Tais inimizades custaram-lhe a vida, pois Heydrich foi abatido a tiro de pistola quando passeava numa rua de Praga. A sua morte provocou grandes represálias, tendo-se noticiado que foram fuzilados por esse motivo cerca de 1.300 reféns checos.

O sucessor de Heydrich é o Dr. Ernest Kaltenbrunner, chefe de grupo dos S. S. e tenente-general da polícia, o qual já desempenhou funções semelhantes em Viena e nas regiões do Danúbio superior e inferior. Em Março de 1938 foi Secretário da Segurança Pública na Austria.

«Onde está Hitler?» Estas três palavras resumem aquilo a que se começa a chamar o «mistério de Hitler». Tentemos explicar o sentido desta interrogação para a qual por enquanto não há resposta.

TEM sido notado não só nos países neutros vizinhos da Alemanha, mas também nos territórios ocupados pelas Potências do Eixo e até na própria Alemanha e Itália, o facto do Chanceler do Reich não aparecer, pessoalmente, nas comemorações e actos solenes ultimamente realizados na Alemanha. No dia 10 de Janeiro, os jornais alemães publicaram fotografias do «Führer» a receber os cumprimentos do marechal romano Antonesco quando da sua visita ao quartel-general das forças armadas alemãs, mas desde então mais nada se soube.

A última vez que Hitler foi visto

em público, encontrava-se na cervejaria de Munich, onde pronunciou um discurso, no dia 8 de Novembro de 1942.

Há quem diga, a explicar esta atitude, que o chanceler tem estado muito ocupado com os planos de guerra e, por esse motivo, não tem podido regressar a Berlim nem tomar parte em cerimónias oficiais.

Desde que se tornou chefe da Alemanha, é esta a primeira vez que Hitler tem permanecido tanto tempo ausente da vida pública nazi.

É a este facto que se deve o aparecimento daquilo a que se chama o «mistério de Hitler» e para o salientar, devemos recordar que todos os últimos discursos importantes sobre a política interna e externa da Alemanha têm sido pronunciados pelo marechal Goering e pelo Dr. Goebbels.

Qual é, segundo as declarações do Governador Geral Boisson, o valor da África Ocidental na guerra ao lado das Nações Unidas?

QUANDO esteve no Norte de África a assistir às reuniões do Conselho Imperial presidido pelo general Giraud, o governador da África Ocidental fez as seguintes afirmações:

«Não tenho outras idéias políticas que não sejam as do meu chefe, general Giraud. A África Ocidental Francesa deseja acima de tudo a união entre os franceses para vencerem os «boches» e já pôs tudo o que possui à disposição dos Aliados. Os portos e campos de aviação de Dakar e da África Ocidental já estão a ser usados sem quaisquer restrições pelos ingleses e americanos.

Interrogado sobre se ainda havia rancor no espírito dos habitantes da África Ocidental em consequência da tentativa de desembarque das forças do general De Gaulle, Boisson sorriu e respondeu:

«Com certeza que ainda há; mas, não me é possível responder por todos os franceses que lá vivem. No entanto, de hoje em diante, para mim e para os franceses da África Ocidental, só haverá um desígnio — combater ao lado dos Aliados».

Declarou também que dispunha de 100.000 soldados senegaleses bem treinados e que podia mobilizar mais 300.000 homens se tivesse armas para os equipar. Acrescentou que tinha falta de oficiais europeus e como lhe perguntassem se aceitaria oficiais partidários do general De Gaulle, replicou:

«Preguntem isso ao general Giraud».

Interrogado ainda sobre se a África Ocidental seguiria de boa vontade a colaboração entre Giraud e De Gaulle, Boisson respondeu: «Os habitantes da África Ocidental são disciplinados e seguirão, sem reservas, o seu chefe, general Giraud».

Quais foram as últimas modificações, assinaladas no Alto Comando do Exército italiano?

O chefe do Estado Maior General e sub-secretário da Guerra do gabinete de Mussolini, marechal Cavallero, foi, segundo informações de Rádio Roma, «demitido dos seus cargos, a seu próprio pedido».

Para o substituir, foi nomeado o general Vittorio Ambrósio que, até há pouco, desempenhava as funções de chefe do Estado Maior do Exército italiano. Por seu turno, o general Ezio Rossi, que comandava o 6.º corpo de exército, passa para o lugar do general Ambrósio.

Em certos sectores, já era esperada esta modificação dos comandos militares, em consequência da derrota italiana na Líbia e dos pesados reveses sofridos pelas divisões italianas no Don e no Donetz.

Cavallero, em 1929, pediu a demissão do cargo de sub-secretário para a Guerra, afim de ir dirigir as fábricas de aço «Ansaldo».

Em 1933, voltou de novo para o serviço activo no exército e comandou os «Legionários» italianos na Guerra Civil Espanhola, sofrendo as suas unidades uma pesada derrota em Guadalajara.

Também tomou parte nas campanhas da África Oriental e da Albânia. Em Março de 1941, depois da demissão do marechal Badoglio, foi nomeado chefe do Estado Maior General, posto em que se manteve até este momento.

Qual é a nova missão do marechal Manstein?

SEGUNDO telegramas recentes, o marechal Manstein, acompanhado pelo general von Weich, chegou a Salónica, para se ocupar da defesa dos Balcãs.

Tanto a ilha de Creta como as ilhas italianas do Dodecaneso receberam consideráveis reforços. Só em Creta as forças alemãs são avaliadas em três divisões e meia, ao passo que nas ilhas do Dodecaneso, a guarnição italiana foi reforçada pela chegada de duas divisões alemãs. No total, as forças das potências do Eixo, agora distribuídas por todas as ilhas do Mar Egeu, estão avaliadas em oito divisões.

E o marechal Manstein que está incumbido de organizar com estas forças e as que estão na península balcânica, a resistência a qualquer possível ataque dos exércitos anglo-americanos do Norte de África, quando terminar a resistência alemã na Tunísia.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



CHURCHILL



HEYDRICH



BOISSON



HITLER



GOERING



MANSTEIN

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

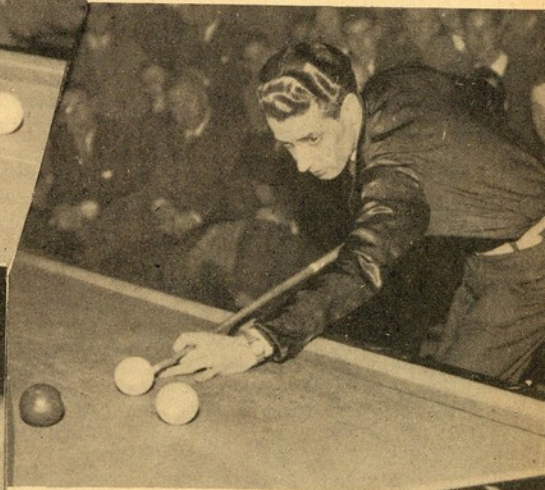
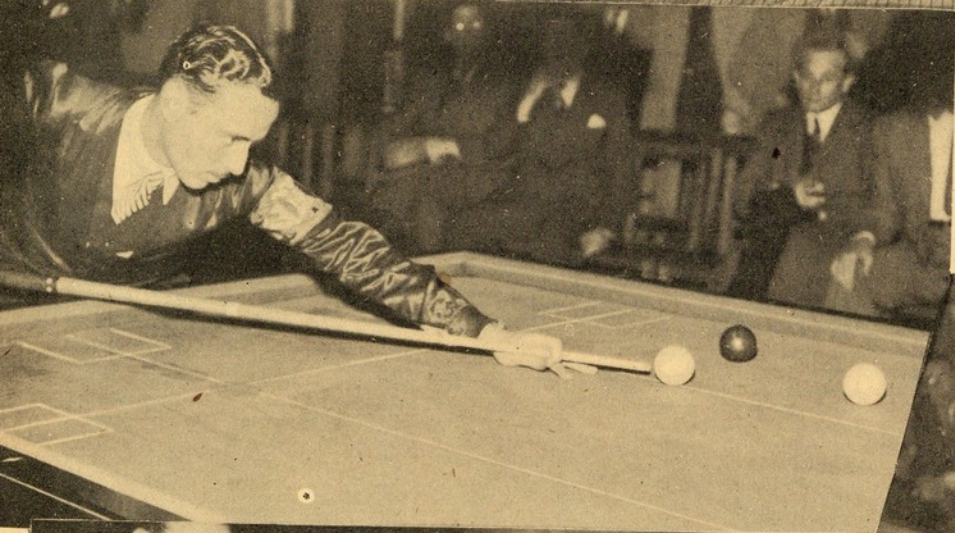
Entre nós



Na Sociedade Propaganda de Portugal, foi há dias inaugurado, pelo sr. general Amílcar Mota, em representação do Chefe do Estado, o VI Salão Internacional de Fotografia. Estão expostos 343 artísticos trabalhos de 770 que a comissão organizadora recebeu de 164 expositores portugueses, alemães, belgas, dinamarqueses, espanhóis, americanos, holandeses, húngaros, ingleses e italianos. Entre outras, estão representadas as seguintes agremiações de fotografia: Associação Fotográfica Bergamasca; Agrupación Fotográfica de Cataluña; Associated Royal Photographic Society; Chicago Camera Club, Cercle Royal d'Études Photographiques et Scientifiques d'Anvers; Feloco Royal Society of America, Felow Royal Photographic Society; Photographic Section of the Academy of Science and Art; San José Camera Club, etc.



Os oficiais das unidades da Guarda Nacional Republicana apresentaram cumprimentos ao novo comandante geral, sr. brigadeiro Carlos Ramires. Estavam presentes os comandantes dos batalhões de infantaria e do regimento de cavalaria, acompanhados por toda a oficialidade. O 2.º comandante sr. tenente-coronel Couto saudou o novo comandante geral em nome de todos, proferindo breves palavras.

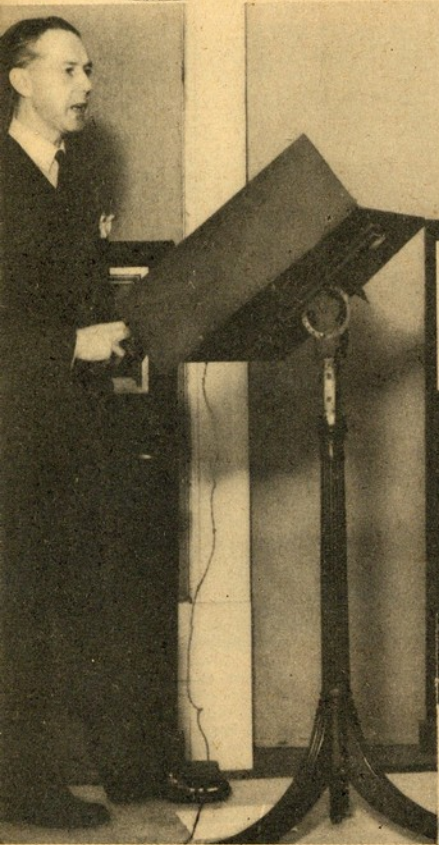


O acontecimento desportivo de há dias, foi a realização do III Portugal-Espanha, em bilhar, que se efectuou na Casa do Alentejo. O torneio, que teve numerosa assistência e despertou grande curiosidade, terminou com a vitória da equipa espanhola por 8 a 4. As gravuras, mostram-nos o jogador espanhol Domingo, que venceu Amado, o português Alabern, que bateu o espanhol Clerc, por 500-107, e o campeão português Ferraz que venceu Bolfill por 150-114 e 150-102, quando marcava o bilhar para o campeonato.

Entre nós



Na antiga sala do Conselho de Ministros, no Ministério do Interior, tomou posse há dias o novo comandante geral da G. N. R., sr. brigadeiro Carlos Ramires. Antes da leitura do auto de posse, o sr. dr. Mário Pais de Sousa, titular daquela pasta, pronunciou um importante discurso político.



O dr. McCance, cientista britânico de renome e professor de medicina da Universidade de Cambridge, proferiu, no Instituto Britânico, uma interessante palestra intitulada «Aventuras na Medicina Experimental», a que assistiu grande número de médicos portugueses e muitos membros da colónia inglesa.



Na Museu Nacional de Soares dos Reis, no Pôrto, o crítico de arte, conservador do Museu Britânico de Londres, sr. dr. Johan Steegonan, proferiu, perante numerosa assistência, uma conferência acerca de arte inglesa.

A gravura que se publica em baixo, mostra um aspecto do almôço de homenagem que o pessoal da Casa Vautier ofereceu ao sócio sr. Maxime Vautier e aos srs. Grizi e Willy Stutzmann, respectivamente chefes dos armazéns gerais e dos escritórios.



na Academia das Ciências

Dr. Virgílio Godinho

recebeu o
"Prémio Ricardo Malheiro"

CHEGA primeiro o presidente: v a i pôr o sobretudo no bengaleiro e entra para a ante-sala das sessões. Já por ali tinha passado a primeira figura da cena que ia passar-se na Academia das Ciências. A reunião da classe de Letras estava marcada para as 16 horas — e para antes a sessão da entrega do prémio «Ricardo Malheiro». Mas os deuses do Olimpo, que não precisam de vestir toga quando se julgam a si próprios e aos outros — também caem nos erros de todos nós, os mortais: às vezes chegam atrasados...

Já lá estão o bispo de Helenópolis, académico recém-nascido e gêmeo do Dr. Marques Guedes. Os Drs. Queiroz Veloso, Moreira Júnior, o secretário geral Joaquim Leitão trocam palavras com o premiado, o dr. Virgílio Godinho, que foi surrateiramente introduzido na sala. E o Dr. Júlio Dantas distribue sorrisos e cumprimentos, como um Júpter século XX, da eminência olímpica desta olimpíada literária...

Todos trocam palavras e nós abordamos o autor de «O Calcanhar do Mundo», que vai daí à nada receber um cheque de 5 mil escudos:

— Está em moda perguntar o que se pensa do romance português. Constituirá êle um problema literário?

— Mas com certeza. E não só literário como até moral. Temos um vasto caminho a percorrer e um vastíssimo panorama do passado a fixar. Saúde, esperança, lirismo: aí tem a trindade em que deve

assentar a construção da nossa literatura nacionalista. Sim, porque eu sou nacionalista integral...

— Por consequência...

— Entendo que o romance português deve ter um sentido absolutamente português, bem longe das filiações russas, inglesas ou francesas. Evidentemente que, quando falo de diretrizes e limites de processos ou construção, não circunscrevo o problema ao conceito fronteira: o interesse de uma literatura não está sómente em escrever à maneira nacional para nacionais — mas para nacionais e estrangeiros. Neste ponto, creio que o conceito do romance português deve ser nacionalisticamente universal...

— Crê que, dentro desses princípios, o futuro do romance e do romancista adquiririam certa estabilidade de produção e de economia literária?

— Creio. De resto, êsse será um ponto a focar por mim, quando daqui a bocado agradecer o prémio com que a Academia quis distinguir-me. O romancista, o homem de letras profissional não existe entre nós, pois são raros ou mesmo não existem aqueles que vivem da pena.

— E por que lhe parece que assim seja?

— Porque há muitos escritores, ou antes, muita gente que escreve e publica livros nem sempre à altura de merecer o interesse do público. Isto significa que o leitor sentindo-se defraudado com o primeiro escritor que aparece, tem receio do segundo. Adquirem-se poucos livros e em condições que não compensam os autores, precisamente por isso: publica-se muita coisa má. Os autores aparecem sem contróle intelectual ou literário. Depois, a crítica



O dr. Virgílio Godinho com o dr. Júlio Dantas, presidente da Academia, e Joaquim Leitão, secretário-geral

faz-se sem escola e sem preparação...

— Acha, então, que deveria fazer-se restrição a edições, independentemente do caso político?

— Acho. Só os capazes deveriam escrever.

— E quem são os capazes de saber quem são os capazes?

— Enfim, há muitos... Mas eu entendo que, de colaboração com os livreiros editores, aqui, a própria Academia deveria exercer como que funções conselheiras: isto ou aquilo deve publicar-se; aquilo não tem interesse... A verdade é que cultura e disciplina são quesitos para quem quiser fazer literatura nacionalista. De contrário, a literatura portuguesa não passará de uma colónia — estrangeira...

— Podemos tomar nota?

— Se eu o vou dizer daqui a pouco... E pode concluir: se a rigidez académica for respeitada, quer dentro dos princípios basilares da linguagem gramatical, quer dentro da construção da obra — o escritor de carreira terá asseguradas condições de trabalho que lhe garantam vida desafogada.

— Literatura pela literatura...

— Evidentemente. Aqui me tem, por exemplo, com uma vida literária afogada entre duas casas de lavoura e a vida intensa de advogado, lá para Castelo Branco...

O Dr. Virgílio Godinho distrai-se do nosso diálogo. Ele que é escritor nacionalista — não é nacionalíssima

a sua obra agora premiada? — que é lavrador e caudido — é também desportista e no meio do futebol lisboeta é ainda conhecido: nas horas de ócio, ou quando as suas ocupações de advogado, ao lado de Ramada Curto, o dispensavam dos casos de justiça e injustiça dos homens — encontrou sempre horas breves para repartir as suas simpatias e boa vontade activa por diversos núcleos desportivos, nomeadamente o Sporting e o Benfica: a força e as letras não são, realmente, entidades incompatíveis e incoerentes com princípios de doutrina política...

Quando perguntámos ao Dr. Virgílio Godinho em que vai aplicar os cinco mil escudos que daí a bocado receberá, êle sorri e responde:

— Vou ajudar um grupo de amigos editores...

— Tem algum livro em preparação?

— A «Herdade dos Castros».

— Regionalismo?

— Pelo contrário. Mas não posso dizer-lhe mais nada...

* * *

O dr. Júlio Dantas diz que está aberta a sessão. Felicita o autor do livro a que foi conferido o prémio «Ricardo Malheiro». Não aponta, como no livro de semântica em que caiu «Ana Paula»: pelo contrário, as vacilações na construção do romance equilibram-se — diz — com a pureza da linguagem, o poder descritivo e o sabor são de riqueza nacionalista. A assistência aplaude. Um diploma amarrado com um laço é entregue ao Dr. Virgílio Godinho. Juntamente, um envelope com um cheque de cinco mil escudos, que êle irá amanhã levantar ao Banco...

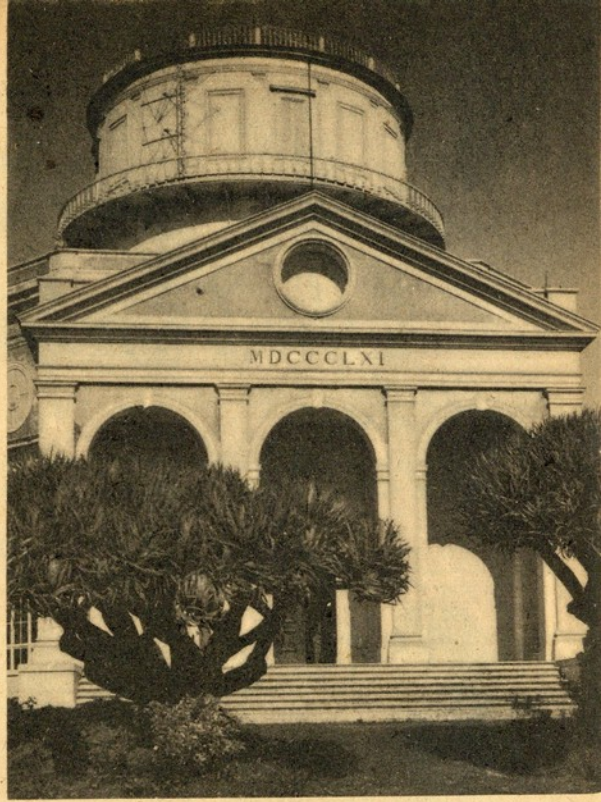
Depois, vêm os abraços, os sorrisos, os cumprimentos. Forma-se um círculo de amizades e, pouco a pouco, a sala vermelha onde a sessão decorreu vai-se esvaziando: os académicos e o público passam para a sala grande e negra como uma câmara ardente soleníssima, onde o Dr. Júlio Dantas foi desfolhar rosas e violetas de saúdade, para evocar a memória de Teófilo...

Sobre a cena da entrevista, fecha-se lentamente a porta do salão...

O autor do romance «Calcanhar do Mundo», recebendo das mãos do Presidente da Academia das Ciências o «Prémio Ricardo Malheiro»



O Homem Escravo da Ciência Procura outros mundos!



O Observatório da Tapada da Ajuda

O leitor talvez nunca tenha entrado num observatório. Se já o fez, porém, em curiosa passeata de visita, decerto não reparou em insignificantes pormenores que pretendo revelar-lhe, embora dentro do meu papel de repórter — que é como quem diz: sem grandes pretensões. Muita gente su-

põe o astrónomo a homem à margem da sociedade, absolutamente isolado deste globo que gira — e nos faz girar como os cavalinhos de feira — vivendo num alheamento pelas coisas terrestres, sempre atento às oscilações do eixo da Terra, desejoso de descobrir uma nova estrela, que a ciência, surpreendida, vai registar, numa auréola de triunfo. Nada disso. O astrónomo é um homem vulgar. Ai pela rua, no meio da turba, no «chic» pedante do

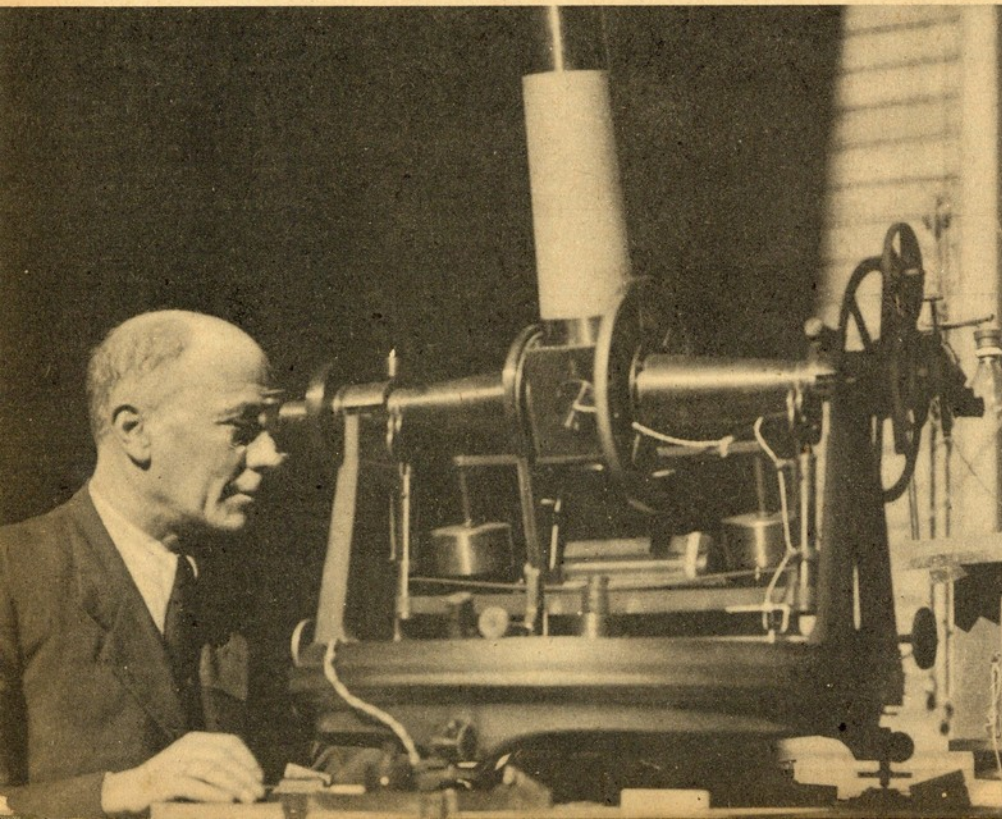
Chiado ou na pacatez burguesa dum bairro da cidade, confunde-se, é igual, nos encontrões, a qualquer cidadão que acata e respeita as boas normas duma sociedade policiada... Usa colarinhos moles, o mesmo cheviote que nós, certamente sente as mesmíssimas necessidades materiais que nos fazem, pacata e ordenadamente, atropelar o vizinho do lado, por dá cá aquela palha. Estou daqui a ver certos rostos a esboçarem um sorriso incrédulo e a dizerem

pasmados: «Pois quê! O astrónomo é um homem assim! Não tem cabeleira branca, em desalinho, grossos laçarotes nos colarinhos de goma, faces engelhadas, como pergaminhos, sobrecasaca e chapéu alto, talqualmente aquela estampa do Borda de Água?».

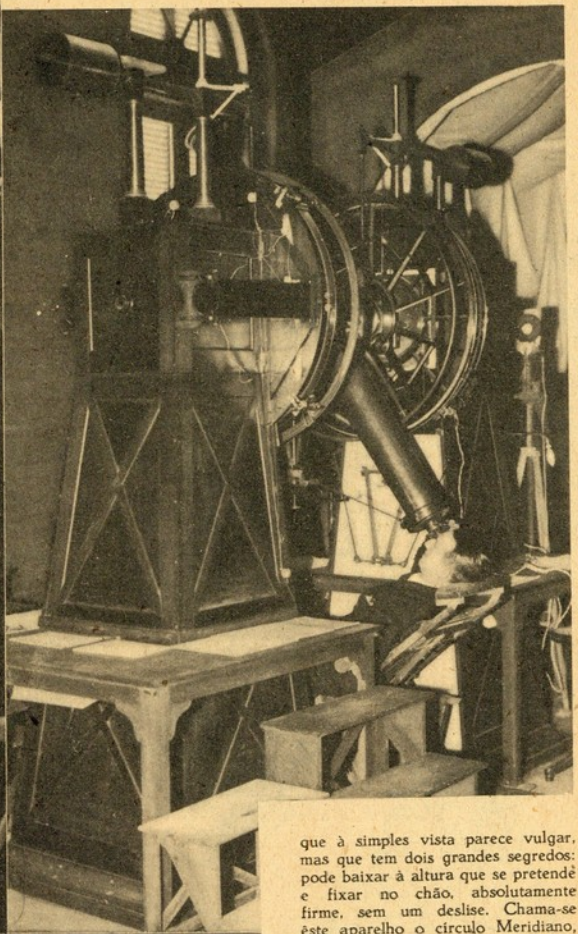
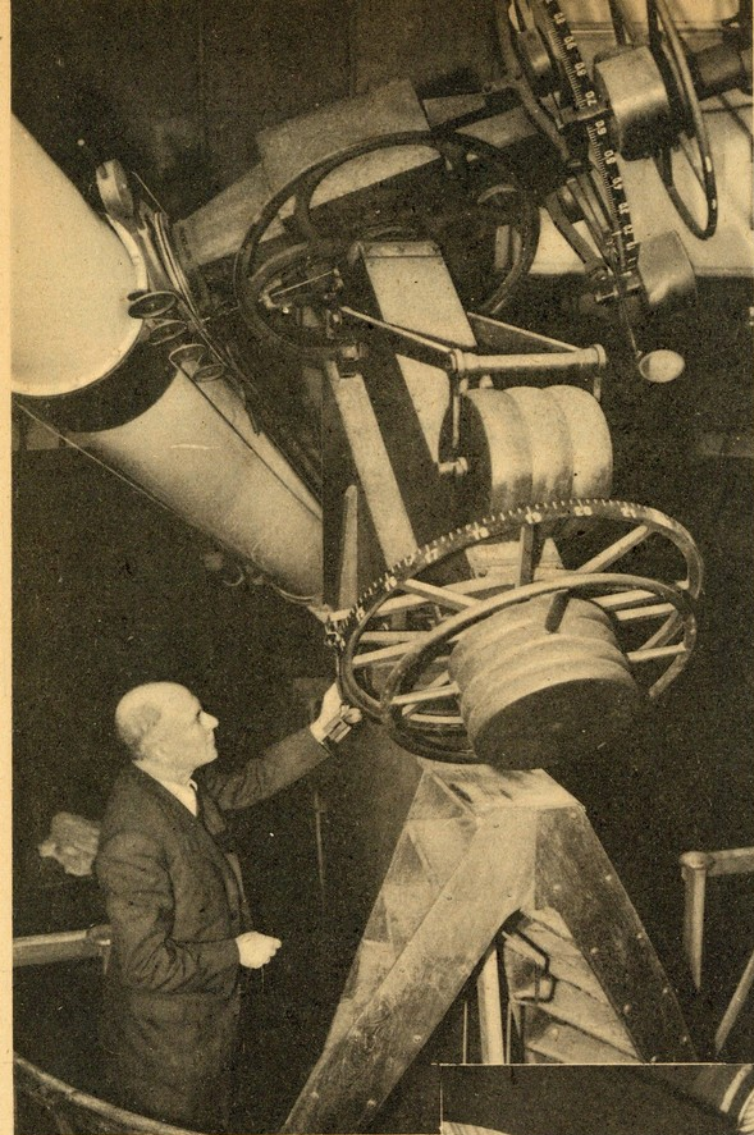
Não, senhores, não tem! E, se não, vamos ao Observatório da Ajuda, e logo veremos o que lá há.

* * *

Entramos na Tapada da Ajuda, onde está instalado o Instituto Superior de Agronomia; o observatório fica num alto, sobranceiro à cidade, ladeado por arvoredo. É um sitio êrmo, bem distante do rumor do mundo. Um gradeamento circunda a escadaria que conduz à porta. Antes de entrar, porém, convém dizer duas palavras acêrca da fundação deste estabelecimento científico. Foi o rei D. Pedro V que — depois da proposta apresentada à Câmara, em Janeiro de 1857, pelo deputado José Silvestre Ribeiro, para a criação dum observatório, visto que o que existia era deficiente em apetrechos, segundo um inquérito feito às repartições competentes — veio ao encontro dessas aspirações, dando do seu bôlso particular 30 contos de réis. Houve dificuldades na escolha do terreno e, mais uma vez, aquele bondoso monarca revelou o seu belo espirito, dando impulso à ciência: ofereceu as amplas terras da Real Tapada — e, ainda, toda a areia e pedra necessárias. Os instrumentos foram comprados em Hamburgo, a um construtor célebre, Refsold, que fornecia os maiores observatórios do mundo. O material chegou a Lisboa, a bordo dum barco que, por curiosa coincidência, se chamava «Astronom». Enquanto apressadamente se fazia a construção do observatório, o Governô



O sr. dr. Manuel Peres, director do Observatório, trabalhando



que à simples vista parece vulgar, mas que tem dois grandes segredos: pode baixar à altura que se pretendê e fixar no chão, absolutamente firme, sem um deslize. Chama-se este aparelho o círculo Meridiano, que é destinado à determinação das posições dos astros. Nêle trabalha o dr. Baptista dos Santos, colaborador distinto do sábio prof. Manuel Peres. Noutra sala, um grande instrumento denominado: Passagens no Primeiro Vertical (no mundo, só há outro instrumento d'este tipo, pertencente ao Observatório de Pulcovo). O dr. Perestrelo de Botelho, astrónomo do Observatório, faz as suas experiências. Nele estuda o movimento dos polos terrestres, a velocidade da luz e outros fenómenos. O dr. Manuel Peres trabalha com o Grande Equatorial, da Torre Central, que fica no ponto mais elevado do Observatório. Ai, a uma altitude considerável, donde se vê, dum varandim, a cidade, meio esmaecida numa neblina que vem da barra, o astrónomo faz girar o óculo gigante, e, no isolamento, estuda a natureza dos astros. Tem sete metros de comprimento, ocupa tôda uma sala. Para o manejar, precisa de se utilizar de escadotes.

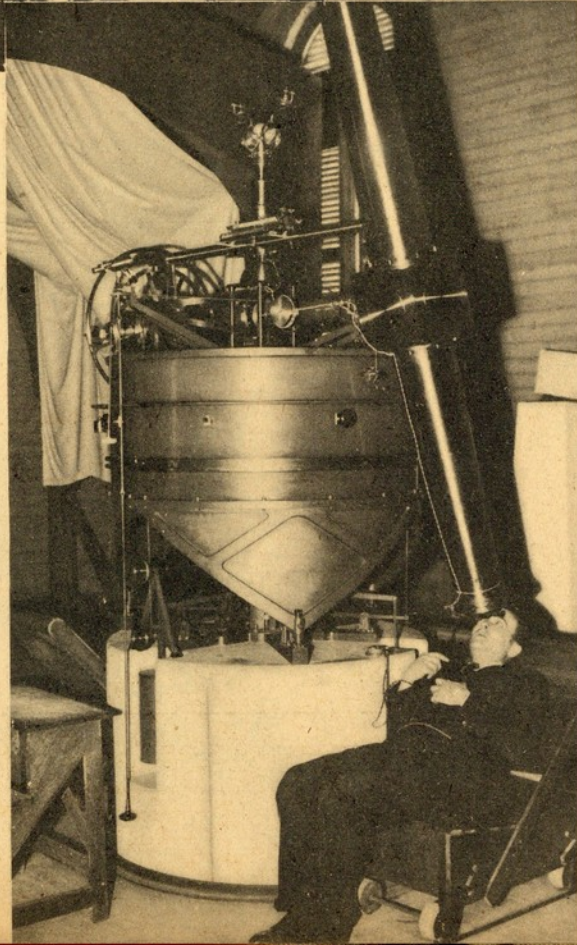
O Observatório da Tapada tem prestado, até hoje, à ciência, inúmeros serviços. Portugal orgulha-se de possuir um estabelecimento astronómico de prestígio. Todos os fenómenos das constelações celestes são ali cientificamente observados. Se bem que às funções do Observatório se limitem ao estudo das estrelas — êle também, quando isso não prejudica aquele serviço, leva as observações para êsses mundos estranhos dos cometas e dos planetas...
Quantos mundos desconhecidos não rolarão no espaço?

MANUEL MARTINHO

mandava à Rússia o tenente da ar-anada Frederico Augusto Oom que, durante cinco anos, tirocinou num dos maiores estabelecimentos astronómicos do mundo—o Observatório de Pulcovo, perto de Leninegrado. Foi êste oficial o primeiro director do Observatório da Ajuda. É interessante dizer, também, que o Observatório é conhecido por três nomes: Observatório da Tapada, nome que lhe dão os que lá mourejam; Observatório da Ajuda, designação do povo; e Observatório Astronómico de Lisboa, nos despachos do «Diário do Governo».

* * *

É seu director actual, o sr. dr. Manuel Peres, nome sobejamente conhecidos nos meios científicos, e que nos recebe. Atravessamos uma ampla sala, onde, atentos, alguns astrónomos registam observações. Há ali só aparelhos de mesa — e algumas secretárias burocráticas que dão, à sala, por assim dizer, o aspecto duma secretaria neste caso—solar... Mas outra grande sala, escuríssima, está à nossa frente. É rectangular. Os aparelhos estão resguardados por uma cobertura de pano. Mas, daí a pouco, por manejos de manivelas, a sala abre-se em luz. Rasgam-se janelas, gradeadas, o próprio teto quasi desaparece. Em cima de nós, está o céu — e o óculo está apontado como um olho luzente de curiosidade. O astrónomo senta-se na cadeira. É uma cadeira de pau.

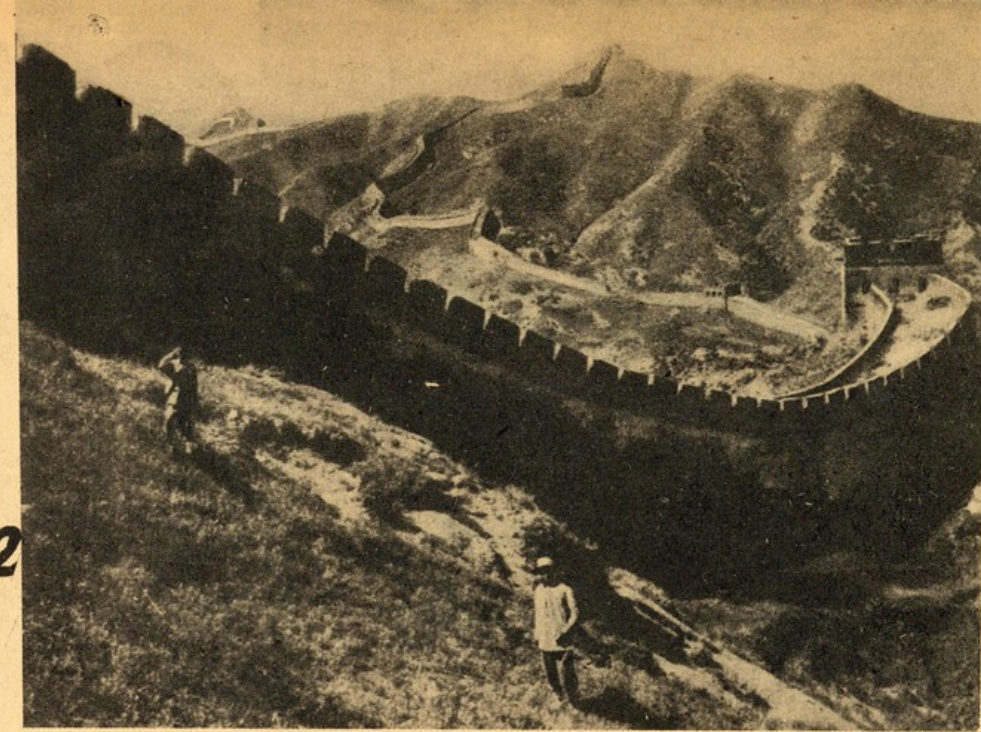




O Tempo venceu o Espaço

A fantasia de Júlio Verne foi oito vezes ultrapassada pela realidade

Crônica de Silva Bastos



comodidade. Os faróis do hidro-avião iluminam os lugares circunvizinhos, na entrada do porto de Hamilton. Ali já está outro avião com os motores em movimento. Apenas quinze minutos de espera, para trocar os sacos de correspondência, e a marcha prossegue.

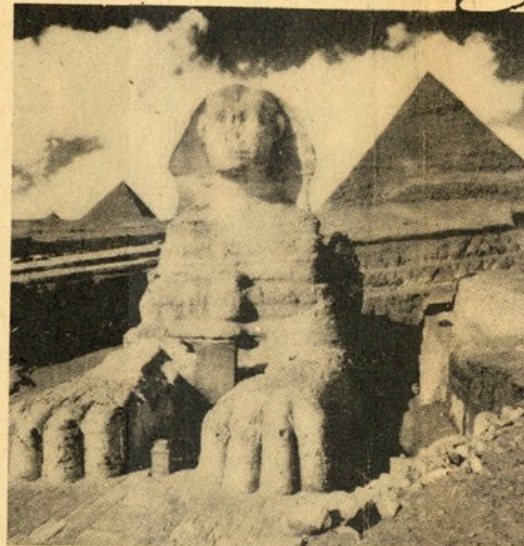
Há ainda outra aterrissagem na Horta e daí rumo a Lisboa.

Aqui, os passageiros do «Clipper» tomam diversos rumos, mas o nosso Fileas Fogg dispõe-se a continuar a sua viagem até Marselha. Depois da monotonia das águas atlânticas, voar sobre terra é uma delícia. Mas em breve a paisagem se desvanece. Fileas Fogg está sobre o Mediterrâneo, um mar que visto lá de cima parece um grande lago para passeios românticos.

Mas o tempo urge. Não há tempo para deliciar os olhos. Marselha está à vista. Tinham passado sete horas.

O ADRIÁTICO

O Mediterrâneo muda constan-



A Esfinge e as Pirâmides quita» num oásis onde os peus des

Em baixo: Uma «Mesárabes rezam e os eurocansam

Midway. Fileas Fogg não repara na paisagem, nem se detem a esmente de tom. As suas águas ora têm a cor do azul celeste, ora são verdes, dum verde escuro e carregado.

Fileas Fogg vai comodamente sentado a fumar um charuto.

A viagem é um sonho... A costa italiana já se aproxima. Em Brindisi, uma ligeira paragem e depois... a soberba perspectiva do Adriático.

A Grécia, lá em baixo, é um compêndio de História que se estudou no liceu.

O aeroplano passa sobre o istmo de Corinto e daí dirige-se para Salamina.

Fileas Fogg recorda-se vagamente de Xerxes o heróico vencido dos atenienses. Depois vem o Pireu, a Acropolis. Uns minutos de espera.

Se não fosse a aposta, o nosso herói deixava-se ficar. Mas é preciso dar a volta ao Mundo em dez dias. A próxima etapa é Ale-

xandria. Aqui há uma mudança de avião. A norma do serviço continua a ser: rapidez e comodidade.

Mil e quinhentos a dois mil pés de altura. As estrelas devem de andar perto. Lá em baixo, estão as pirâmides. Mais para além, é Port Said, Canal Suez.

Um pequeno almoço em Gaza e outra vez as nuvens, rumo a Bagdad.

Já se avistam as colinas da Judá e a pequena aldeia de Belém, onde nasceu Jesus. Um pouco mais para diante, é Jerusalém. O motor do avião faz um barulho ensurdecedor. Agora é preciso voar a dez mil pés de altura, por causa das ondas de calor que se elevam do Deserto.

Fileas Fogg chega a Bagdad, mas antes que chegue o dia passa de espera.

«Clipper» parte à tarde. Em Wake retemperam-se as forças para um grande vôo sobre o Pacífico, até

Um trecho da célebre muralha da China

sobre o deserto de Sind e sobre Calcutá.

Depois está em Burma. A Índia fica para trás. Mais duas horas e ei-lo em Bangkok.

A MEIO CAMINHO

Singapura está a cinco dias de vôo para Nova-York. Talvez não venha longe o dia em que esta cidade seja a metrópole das rotas aéreas internacionais. De Singapura a Mambila... através da Costa de Bornéu, são mil e quinhentas milhas, dez horas de jornada. Nos três dias subsequentes, é preciso voar 8.170 milhas.

Mais um salto a Guami e restam unicamente 1.580 milhas. O

cutar as célebres guitarras que, segundo a lenda, tódas as noites soluçam no silêncio das praias.

S. Francisco está a 2.400 milhas. Um ligeiro esvoaçar de asas de alumínio. Oakland está envolto em neblina. Em Salt Lake City e Cheyenne embarcam passageiros para Denver. Chicago fica a nove horas da costa.

Outra paragem, mais três horas pelos caminhos do céu e (finalmente...) Nova York.

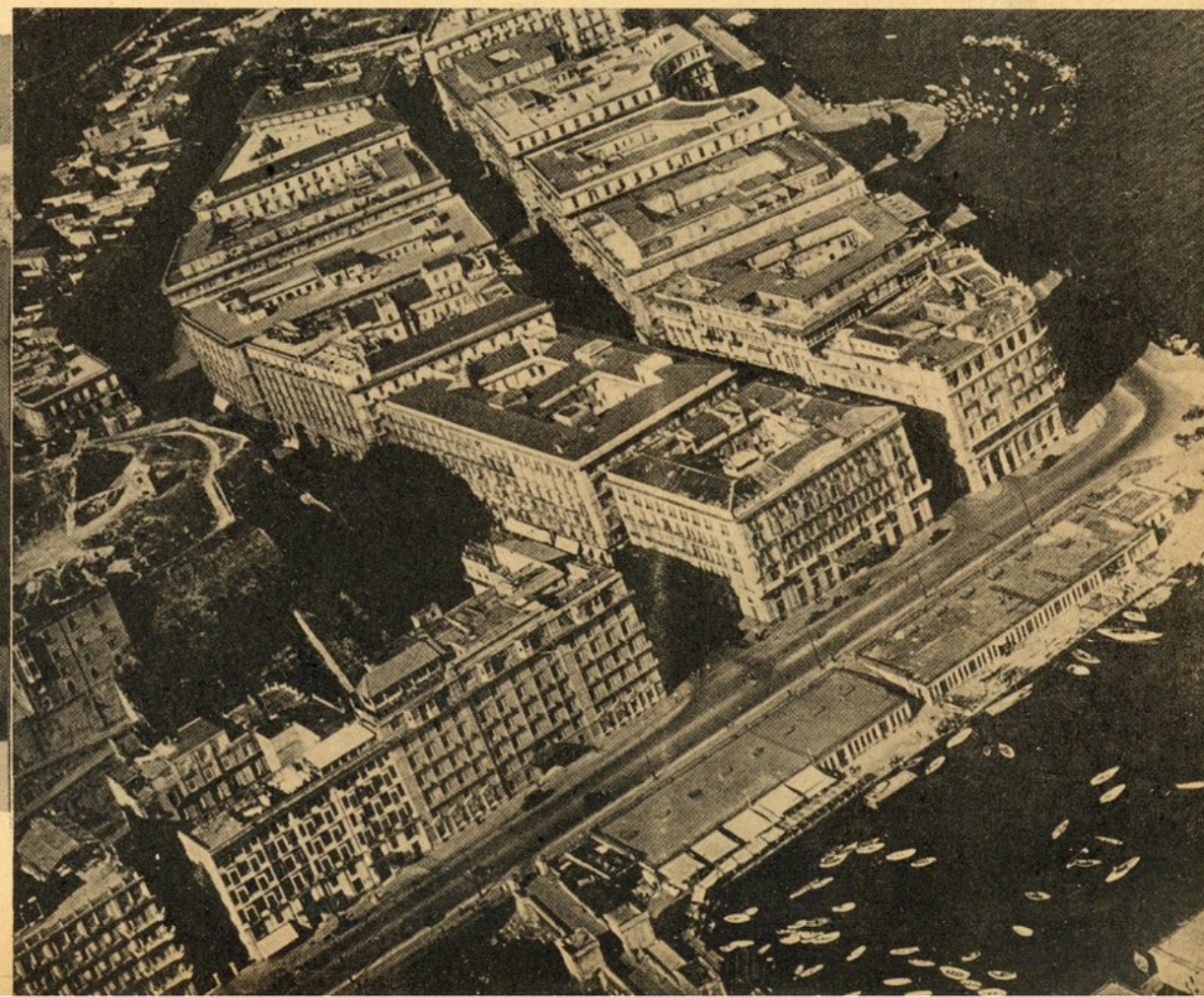
* * *

O Espaço foi completamente vencido. O homem dominou-o com a força indomável da sua inteligência, com as leis da Matemática e da Física.

Quando a paz dominar o Mundo, Fileas Fogg fará novas apostas e vencerá sempre.

Júlio Verne foi derrotado. O Homem ultrapassou a fantasia. A vida foi para além do sonho.

Nápoles: cidade-museu



PARA onde vamos? Onde terminará este duelo gigantesco entre o Homem e o Espaço? E entre o Espaço e o Tempo? O século XX, que já foi chamado século das velocidades, há-de ficar na ronda

das eras como um facho a iluminar o Futuro. Dia a dia, a inteligência humana, insatisfeita, persistente e tenaz, vai alargando os horizontes, distanciando as fronteiras e ligando os Continentes.

Os nossos filhos, daqui a poucos anos, hão-de sorrir-se quando lhe dissermos que os nossos avós foram às Índias numas caravelas e que nós próprios utilizámos um transatlântico para demandarmos o Brasil ou os Estados Unidos. O avião é o grande transatlântico do futuro e não é preciso ser profeta para acreditar que os Oceanos hão-de voltar à tranquilidade dos seus mistérios.

A «Volta ao Mundo em Oitenta Dias» já hoje tem um sabor romântico que nos faz sorrir. Quando vierem os caminhos estratosféricos, Júlio Verne receberá um um golpe de morte. A sua fantasia já hoje foi vencida pela realidade.

Ora reparem: Fileas Fogg toma um avião em

As estradas que circundam Nova-York, vistas do ar, lembram a «montanha russa» dum «Luna-Park».

Nova York. Em dia e meio atravessa o Atlântico, salta sobre a Europa e chega a Surabaya, nas Índias Holandesas. Em quatro dias dá «um salto» a Manila e com outros quatro dias está em S. Francisco. Mais um dia e meio de vôo sobre os Estados Unidos e o nosso herói deu a volta ao mundo em dez dias: oito vezes menos do que no romance.

Logo, a realidade venceu a fantasia. A fantasia de Júlio Verne foi oito vezes ultrapassada.

* * *

Supondo que os Continentes não estavam em guerra, esta viagem era a coisa mais simples, mais natural e mais possível deste mundo. Acompanhemos Fileas Fogg.

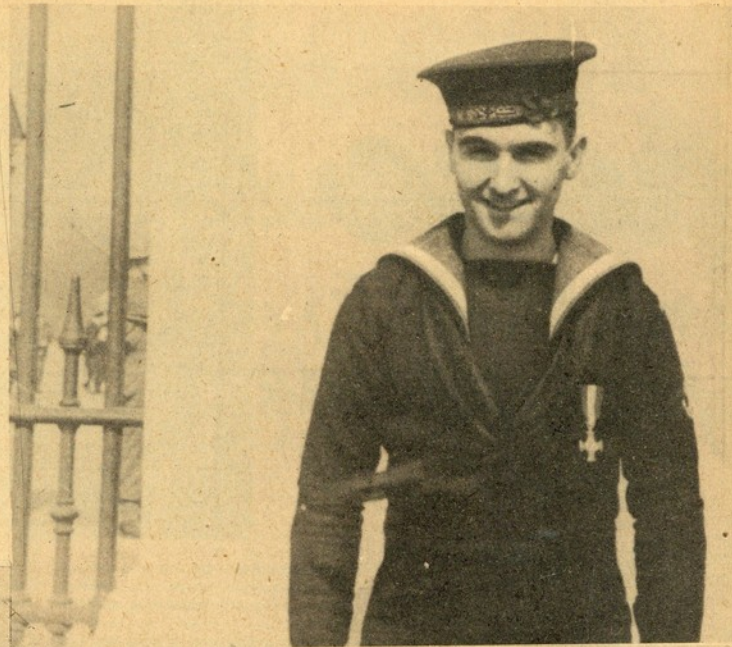
O hidro-avião parte de Nova York. É um «Clipper», todo metálico, que quando a noite chegar vai parecer uma estrela a caminhar nas nuvens.

Os passageiros dormem nas suas cabines. Luxo, conforto e

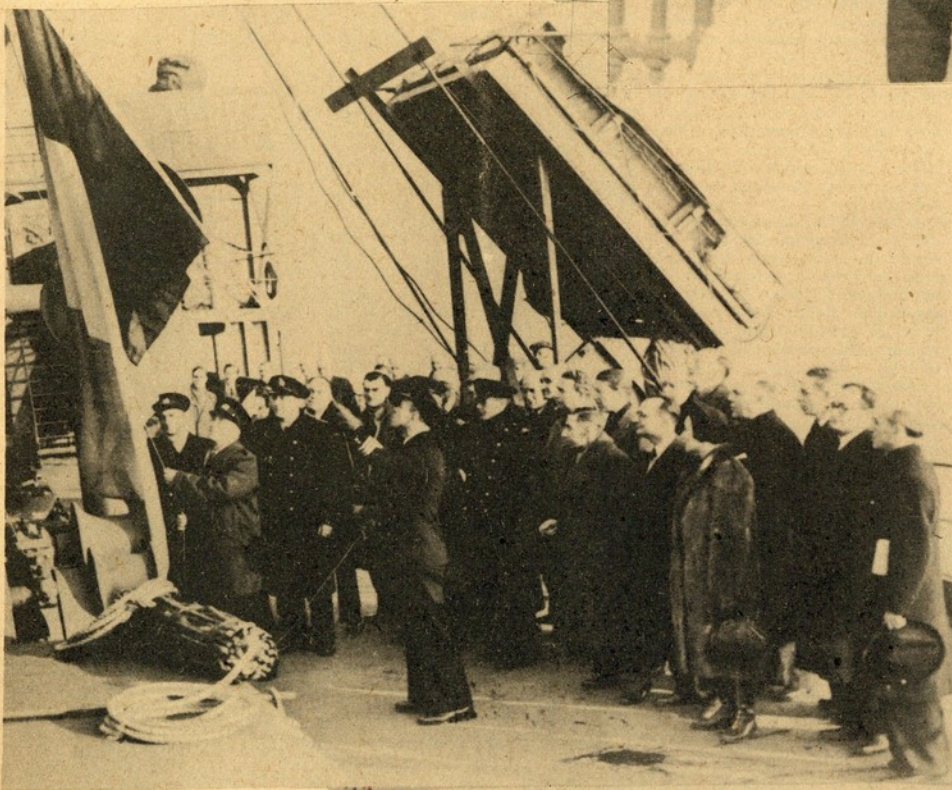


Os Belgas

prosseguem na
luta contra a
Alemanha

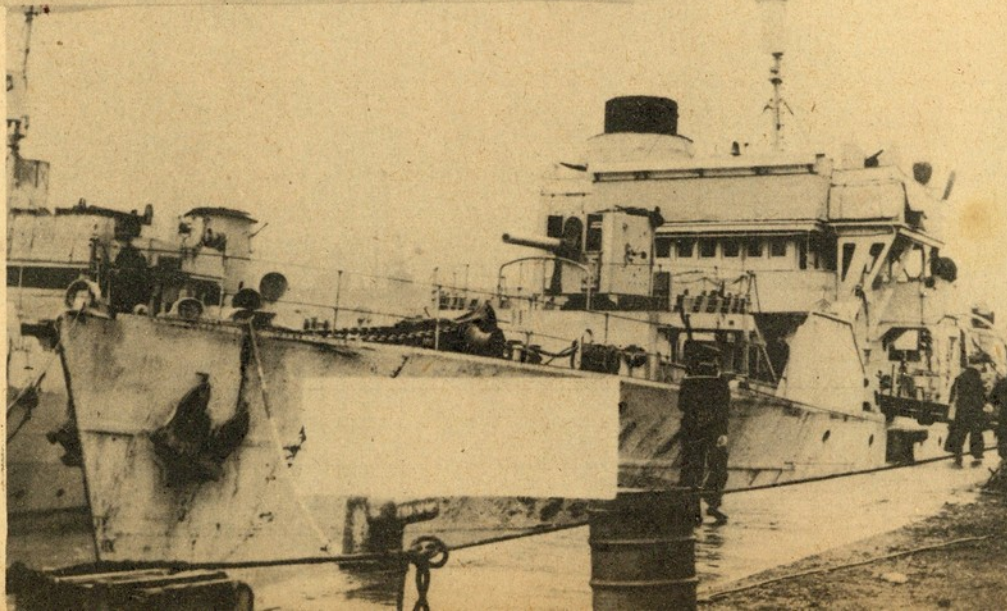


O «grumete» belga George Ra-gaert foi condecorado recentemente, numa cerimónia militar realizada em Londres, com a medalha da «Distinguished Service Cross» por altos feitos praticados durante uma missão arriscada de serviço.



Na presença dos ministros do governo belga, estabelecido em Londres, e de numerosos membros da colónia daquele país, foi içada a bandeira da Bélgica a bordo duma nova unidade de guerra, que estava ancorada em determinado porto britânico.

Além de substituir uma unidade de guerra belga, afundada no Canal da Mancha, em combate com o inimigo, o Governo Britânico ofereceu a corveta que nos mostra a gravura ao Governo Belga, que entrou imediatamente em serviço.



Uma rendição em Estalinegrado

por Francisco Velloso

NO dia 3 de Fevereiro de 1943, o alto comando alemão fazia publicar um comunicado especial, confirmando um acontecimento há semanas esperado como inevitável:

«Acabou a luta em Estalinegrado. Fiel ao seu juramento, o 6.º exército, sob o comando modelar do marechal von Paulus, sucumbiu ante a superioridade numérica do inimigo e as circunstâncias desfavoráveis. Partilhou a sua sorte com uma divisão da D. C. A. da aviação alemã, com duas divisões romenas e com um regimento croata, que cumpriram o seu dever até o último instante, em fiel camaradagem de armas com as unidades alemãs».

A batalha de Estalinegrado, propriamente dita, começou em 14 de Setembro, quando os alemães puseram em acção cinco divisões novas ou reconstituídas com duas divisões de tanques e as lançaram ao ataque numa frente de 5 quilómetros de largura. Dispunham de número incrível de peças e os seus aviões efectuavam 2.500 vôos diariamente. O ruído era tão formidável que não se podia distinguir a explosão dos obuses e das bombas, nem ver a mais de cinco metros, por causa do fumo. Toda a cidade tremia como se fosse sacudida por um tremor de terra. A vibração era tão grande que se se colocasse um vidro sobre esta mesa, no abrigo, se partia em migalhas. Os alemães fizeram tudo o que puderam, mas as suas perdas eram tão grandes que começaram a vacilar. Então, estabilizou-se a frente. A história do 62.º exército é a história de exércitos envolvidos numa luta de morte, entre 30 de Setembro e 2 de Fevereiro. Nem um lado nem o outro se podia libertar do mortífero abraço. Alguns edifícios mudaram de mãos 20 vezes.

No dia 4, em Berlim, o major Zitzewitz, que desde 20 de Novembro até 20 de Janeiro, últimos, fôra oficial de ligação entre o supremo comando e as formações romenas e croatas, que lutavam na cidade, forneceu aos representantes da Imprensa estrangeira alguns impressionantes pormenores da batalha.

Quando a enorme massa de homens e de elementos lançados pelo inimigo com as linhas alemãs de Estalinegrado — disse — obrigou os defensores a retirarem-se das suas posições, estes encontravam-se instalados em terreno completamente descoberto, sem uma única árvore, sem esteva sequer, e, muito menos, sem uma casa. Os próprios movimentos de recuo tornavam-se extremamente difíceis, principalmente devido às horríveis condições meteorológicas.

O frio paralisava qualquer movimento dos homens e dos meios: registando o termómetro, frequentemente, 35 graus negativos. Nenhum carburante para os auto-veículos, nem sequer cavalos, pois estes tinham sido sacrificados, havia muito tempo, para alimentar as tropas.

Com sobrehumanos esforços, os soldados e oficiais, que, após tantos dias em jejum, puxavam as peças de artilharia, sempre martelados pelo fogo inimigo.

A situação de reabastecimento — continuava o major Zitzewitz — não era menos trágica. A única possibilidade de reabastecimento das tropas cercadas consistia na aviação, que fez esforços sobrehumanos de heroísmo e de audácia para desempenhar-se do seu papel. Muitos aviões incumbidos de reabastecimento ficaram destruídos, quando aterravam sobre as pistas geladas. Os aparelhos de combate, que podiam transportar o máximo de 4 a 5 homens, depois de descarregarem os reabastecimentos, regressavam com 10, 12 e, mesmo, 15 feridos a bordo.

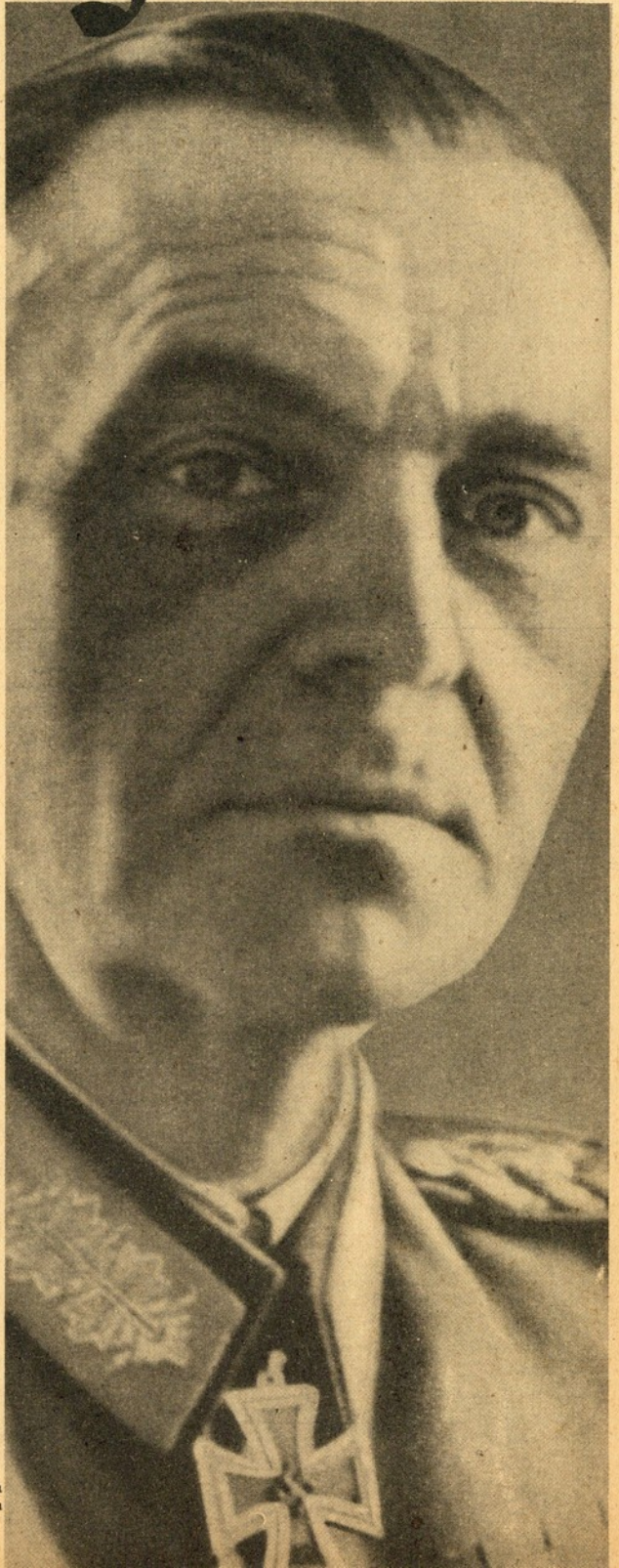
Pouco a pouco, aviões de transporte alemães sob a protecção do fogo dos granadeiros, tomaram conta dos feridos e dos doentes, levando-os, de dia e de noite, através das poderosas esquadrilhas de caça e da barragem da D. C. A. soviética, para as bases — narrava a agência oficial alemã no dia 5.

Assim, fôra possível salvar e conduzir para os hospitais da retaguarda cerca de 47.000 feridos e doentes do 6.º exército.

No dia 9 de Janeiro, o comandante do 62.º exército russo, o general Rokossovsky, enviou um ultimato de rendição. Garantia as honras militares, as espadas e a segurança. O comandante alemão, general von Paulus, retorquiu com rude rejeição, numa só palavra: «Nunca». O comunicado do quartel general alemão chamou «modelar comando» ao do general.

A situação já nesses dias era desesperada. Rokossovsky ordenou que se continuasse o ataque. Recomeçou aquele inferno. Todos os dias caíam mortos e prisioneiros. A princípio, o grupo do 6.º exército estava somente separado por 300 metros do grosso dos exércitos alemães, mas este espaço aumentara para 500 quilómetros. Era o cerco sem possibilidades de solução.

O comunicado alemão explicará: «Como muralha da histórica missão da Europa, o 6.º exército quebrou, durante longas semanas, o assalto de seis exércitos soviéticos. Inteiramente cercado pelo inimigo, reteve numerosas forças soviéticas, mediante combates encarniçados e à custa de rudes provações. Ofreceu, assim, ao comando alemão, o tempo e a possibilidade de tomar conta-



O marechal alemão Paulus, que depois de combater até à última à frente das suas tropas, em Estalinegrado, caiu prisioneiro dos russos.

medidas, cuja realização foi decisiva para a sorte de toda a frente leste».

E no *Frankfurter Zeitung* virá a escrever-se que, sem a resistência do 6.º exército, o alto comando não teria podido preparar a defesa de Kursk, que cairá sete dias depois de Estalinegrado, nem a de Karkov, ameaçada a 14.

A luta prosseguiu. A 21 de Janeiro, os russos localizavam o quartel general de von Paulus. Haviam morrido em combate o tenente-general von Hartmann e o major-general Stempal, ambos condecorados por feitos de armas com a Cruz de Ferro. No dia 2, chegara-se ao fim. O Grande Quartel General do Fuehrer noticiava:

«Em Estalinegrado, o adversário retomou o ataque contra o último bastião dos defensores, a fábrica de tractores, depois duma preparação muito forte de artilharia e com forças duma imensa superioridade. Depois das nossas tropas, que lutaram com um heroísmo extraordinário, terem utilizado quasi todas as munições, o inimigo conseguiu, durante a noite, penetrar em vários lugares e fazer saltar o circulo de defesa do 11.º exército que até aqui se tinha mantido firmemente».

Os comandos russos reconheciam o valor do adversário. Mas era o fim do fim.

A agência «Intering» fazia circular no Reich a seguinte comunicação officiosa: «Na tarde de hoje, o grupo setentrional das forças armadas alemãs em Estalinegrado transmitiu pela rádio, por uma mensagem de brevidade militar, com um «Viva o Fuehrer, viva a Alemanha», a informação de que sucumbia».

Hitler respondeu nomeando von Paulus marechal do exército alemão.

Relchenko intimou a rendição aos alemães de guarda. Como se recusassem a entregar-se, o tenente mandou bombardear com morteiros de trincheira todo o prédio. Morreram todos. Em toda a Alemanha, as emissoras tinham-se calado, suspensas, ao choque da noticia. O bombardeamento durou um quarto de hora.

O Grande Quartel General de Hitler proclamava: «Generais, officiais, sargentos e soldados lutaram até ao último cartucho, e morreram para que a Alemanha viva». Quantos eram? O comunicado official russo pormenorizava:

«Nos últimos dois dias, o número de prisioneiros aumentou em 45 mil, tendo o número total de prisioneiros, feitos entre 10 de Janeiro e 2 do corrente, sido de 91 mil.

«Ontem, as nossas tropas capturaram o comandante do 11.º corpo de exército alemão, que era também o comandante-chefe das tropas inimigas cercadas ao norte de Estalinegrado, tenente-general Stereaker, assim como o seu chefe de Estado-Maior, vários generais, e grande número de officiais superiores, incluindo o ajudante de campo do marechal Paulus, o coronel Adam.

«Ao todo, na área de Estalinegrado, foram feitos prisioneiros 24 generais inimigos e 2.500 officiais».

O Ministro da Propaganda do Reich, dr. Goebbels, após o comunicado do Alto Comando acerca do fim da luta do 6.º exército do Volga, ordenara o encerramento de todos os theatros, cinemas, variedades e estabelecimentos análogos, a partir de 4 de Fevereiro, uma quinta-feira, até 6 de Fevereiro, um sábado, inclusivé. Da mesma forma, todos os espectáculos artisticos e divertimentos etiam prohibidos durante esse periodo.

Um telegrama de Berlim, narra o seguinte, no dia 3.

«O povo alemão teve conhecimento, primeiro, pela T. S. F., do

comunicado do alto comando das forças armadas anunciando o fim da luta em Estalinegrado. Nas ruas, os transeuntes pararam para ouvir, com a fisionomia grave e resoluta, a noticia transmitida pelos alto falantes, e nos restaurantes o público levantou-se. Em toda a parte, tanto nas ruas como nos restaurantes, o público entoou hinos nacionais, de mão levantada, para a saudação alemã. Após a transmissão dos hinos nacionais alemães, a rádio difundiu, igualmente, os hinos nacionais da Roménia e da Croácia, em sinal de homenagem às duas divisões romenas e ao regimento croata que numam fiel fraternidade de armas se mantiveram ao lado do 6.º exército até ao último alento, em Estalinegrado. Na conferencia da Imprensa estrangeira, o comunicado especial foi lido pelo representante do Governo do Reich. Espontaneamente, os jornalistas estrangeiros se levantaram para escutarem, de pé, o texto do comunicado que testemunha o heroísmo do 6.º exército».

Nunca talvez acto de rendição, envolvendo perda de mais de cento e meio de homens, além do enorme despojo, fóra assim transmutado em honra nacional. A batalha continuava. Dentro de dias, von List, outro marechal do Reich, iniciava a retirada do Cáucaso para a Crimeia.

Estalinegrado — contava no dia 8 Harold King — «é uma cidade de desolação, de montões de máquinas destruidas, de carris retorcidos, de destroços de aviões, de cadáveres gelados e, rua após rua, de lúgubres casas em ruínas. É este o aspecto agora que ela disfruta, até certo ponto em paz. Sou o primeiro correspondente de agências noticiosas a entrar na cidade desde o inicio da batalha, em Setembro passado. A minha volta, vejo uma tristeza como não teria podido imaginar. Percorri, a pé, o campo de batalha. Officiais russos que conhecem o caminho, foram meus guias por entre campos de minas. Estalinegrado tinha 400 mil habitantes. Hoje, mal há uma casa de pé numa extensão de 10 quilómetros, entre a praça dos Heróis da Revolução, no centro da cidade, e a célebre fábrica Revolução de Outubro, ao norte. Em cada vinte casas, estavam completamente destruidas dezanove».

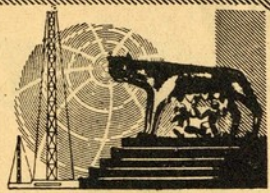
As ruas pejavam-se de automóveis, de todos os países da Europa, transportando prisioneiros. Por toda a parte, canhões, tanques, camiões avariados, a ferralha torcida e parada, sucata de hecatombes. Um silêncio, quasi absoluto, pesava. Sapadores andam na pesquisa de minas, cuja explosão é a única reevocação dos sons infernais dos bombardeios».

E os prisioneiros iam saindo, descurados e tristes, e.s. caves, cruciados de frio, porque todo o sistema geral de aquecimento fóra destruído pelas bombas dos aviões inimigos, mas já melhor alimentados. Os habitantes que regressavam, com suas troupas, os filhos pela mão, à busca de restos de haveres entre destroços incontáveis, miravam-nos calados.

Nos pátios, nos jardins, nas casas, ficavam cadáveres, ali de alemães, acola de russos, às pilhas, «semelhando figuras de cera, tão irreais como a própria cidade, que fóra rainha do Volga e uma das mais belas do mundo». Uma guarnição inteira foi encontrada esmagada debaixo dum pavimento de cimento armado, abatido por uma bomba.



ESCUTAI ROMA



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,50	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
14,10	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 11	41,55	7220
		2 RO 22	25,10	11950
17,00	Noticiário	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 66	19,61	15300
21,50	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 3	31,15	9630
			221,10	ondas
			263,20	médias
24,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSAÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA

21.10	aos domingos	39,80
21.20	às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

APRENDA RÁDIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



CREMES PARA DE DIA E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35

Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade. Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

Vida **MUNDIAL** Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os Americanos também combatem na China



Os soldados americanos combatem já na Europa, em África e na Ásia. Agora chegam-nos estes documentos comprovativos de que até em terras chinesas, os americanos lutam ao lado das Nações Unidas contra o «Eixo». Em cima, vê-se um grupo de aviadores a admirar um polícia sinaiense, irrepreensivelmente fardado, de mangas brancas, ordenando a circulação — como se faz na Europa e na América.

À direita, alguns sargentos-metralhadores tomam chá numa típica e característica Casa Chinesa, onde causam espanto às criancinhas que os rodeiam, tal como em Lisboa a garotada à volta dos estrangeiros... Em baixo, à esquerda: junto dum refúgio anti-aéreo, aberto numa rocha, vários sargentos analisam a solidez do esconderijo e em baixo pode ver-se o entusiasmo da multidão ao assistir à passagem dum camioneta que transporta soldados para um base americana.



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DUM POETA BRASILEIRO

O carioca traz dentro de si
Um português, um negro, um
guarany...

O português lhe deu a fibra arroja-
diça

O aprumo da raça.

O negro, a preguiça
E o prazer da caça.

No excesso de carinhos e de zêlos
Tem do africano o coração,
E, às vezes nos cabelos,
A forte ondulação.

Em harmonia vivem sempre os três.
O negro bebe, o guarany batalha
E o português,
Esse — bom Deus — trabalha!

Mas, ai, se em ondulante graça,
Átrosa e bonita,
Há uma mulher que passa...

O negro dança,
O guarany apita
E o português... avança!

OS FANTASMAS DA ELETRA

SEM desprimor para ninguém,
não desisto a tornar público
um alvitre que um amigo meu, aliás
dos nossos melhores espíritos, propunha
para tornar mais explícito o
título da peça do Nacional:

ELETRA

ou

O Diabo que a leve, em três peças
e catorze actos, seguidos de mais
catorze de degredo, com alterna-
tiva... na casa de sua tia!

O BOM-HUMOR

RAMADA Curto afirmava, há
dias, através do jornal, a
algumas dezenas de milhar de
portugueses:

— O bom humor é uma terapêu-
tica. Quando o não tenho — fabri-
co-o. As pessoas mal humoradas
mordem, têm espírito de sogra e
sucede-lhes até não terem talento
nenhum...

A PERNA DE D. ALBERTO BRAMÃO

EM carta que nos escreve o
nosso querido amigo D. Al-
berto de Bramão lembra que, dada
a perfeição a que chegou a mecâ-
nica científica, no tocante a pernas
articuladas, talvez fosse bom ne-
gocio cada um de nós vender para
os talhos as nossas pernas, substi-
tuindo-as por pernas de pau... Ai
fica a lembrança. Já dizia Sócrates:

— Ai pernas, para que te quero!

PROCESSO INFALÍVEL

VOU-LHES ensinar o processo
de terem, por exemplo, dois
pastéis de nata — comprando só

CAEIRO DA MATA



Três vezes dei a volta à cabeça
E a política, eu juro, é meu prazer:
Pode ser plebeia e não condessa,
Mas por ela gosto sempre de viver!

Em mil negócios — sulcando os ares
Fundos azares
Nunca senti!
E ainda por cima, que horas felizes,
Em mil países,
Não fruí!
Antiquário,
Milionário,
O meu erário
Não tem igual.
Sou professor,
Também reitor,
E director

Do maior Banco de Portugal!
Mas tais conquistas — tanta vitória.

Já da memória
Tudo bami,
E passo agora,
A tôda a hora,

Vichy p'ra cá, cá p'ra Vichy!

um. Nada mais simples: é pô-lo
diante dum espelho.

Este processo é garantido, mesmo
para qualquer outro género de ali-
mentação.

FIALHO «TOURISTE»

FIALHO de Almeida sinteti-
zava assim os seus ideais
de viajante:

— Partir, andar pelo mundo, e

não sair do Martinho — por causa
das vindimas em Vila de Frades!

NOTAS HISTÓRICAS

Século, ao noticiar a morte
de Sidónio Pais, não orlou,
por lapso, a notícia com a costu-
mada tarja preta. Por este motivo
um numeroso grupo de sidonistas
assaltou o jornal, acudiu a polícia,

sob o comando dum chefe, houve
motim — mas tudo acabou por escla-
recer-se, com a intervenção de João
Pereira da Rosa. Foi então que o
chefe da policia ergueu a voz,
exclamando:

— Tenho a honra de me congratular
porque tudo se passou sem
efusão de sangue!

E, alegremente, apertou a mão a
todo o mundo.

IDADES

QUE idade tem o visconde
de X?

— 50 anos.

— É curioso. Dava-lhe 60.

— Repare que ele não tem um
cabelo branco...

— Por isso mesmo. Antes dos 60
anos nenhum homem pinta o cabelo.

NO RESTAURANTE

O festejado revisteiro Lourenço
Rodrigues entrou, ontem,
num restaurante e pediu um bife.

— Impossível — disse o criado.
Não temos hoje carne...

— Então, traga-me um linguado
frito com esparregado.

— Hoje não tivemos peixe...

— Nesse caso, traga-me dois ovos
estrelados...

— Não temos ovos...

— Então — exclamou Lourenço
Rodrigues — traga-me a conta...

FERREIRA GOMES

FERREIRA GOMES sofreu,
há pouco, duas operações.
Encontrei-o ontem.

— Então, que tal corre isso?

Respondeu-me:

— Felizmente, sai ileso...

REIS

QUANDO o rei Jorge da Suécia
esteve, pela primeira
vez, em Aix-les-Bains, o «mair»
recebeu-o, de casa, e disse-lhe:
— Vossa Magestade esteja à sua
vontade, que está em família!

UM HOMEM BEM DISPOSTO

CONTA-ME José Osório de
Oliveira que encontrou um
dia destes num eléctrico um condu-
tor irradiando boa disposição. A
certa altura, como ele, José Osório
de Oliveira, não tivesse trôco, o
conductor tranqüilizou-o, com o me-
lhor sorriso do mundo:

— Não se incomode... Paga para
a outra vez...

Como se vê a Escola de Boa-
Educação da Carris está dando os
seus resultados!

CRIANÇAS

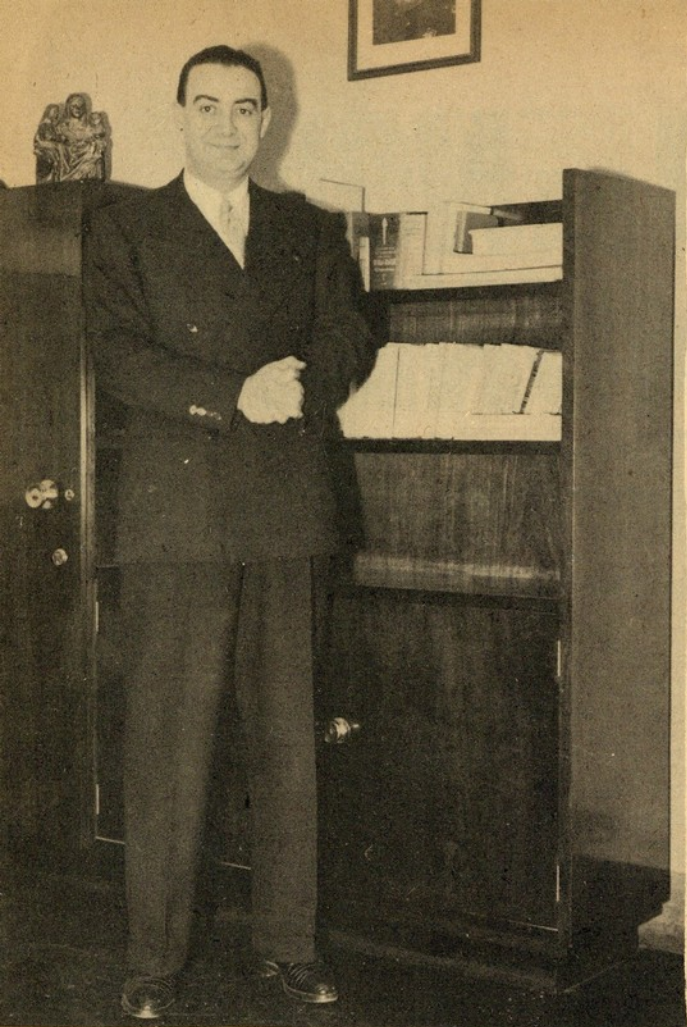
MADAME X, que está a
espera dum novo bebé, pre-
gunta a Pedrinho, que tem sete
anos:

— Tu antes queres que eu te
traga um irmão ou uma irmã?

Pedrinho pensa, e responde:

— Eu gostava mais dum tricicle...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



O dr. Enzo Bolasco no seu gabinete de adido de imprensa na Legação de Itália em Lisboa

FALTAM poucos dias: a 17 do corrente, inaugura-se no Teatro Nacional a segunda exposição do livro italiano — diz o dr. Enzo Bolasco que está aqui na nossa frente, a falar-nos no seu gabinete, na legação de Itália.

Ele é o organizador desta nova parada literária — e o leitor lembra-se, com certeza, de que já no ano passado a primeira exposição teve assinalável interesse. A nossa terra, tão de perto gozando os influxos de uma cultura latina — umas vezes vindos directamente do berço italiano, outras vezes seguindo rotas longas de uma versão francesa — não podia ser estranha à actividade editorial da terra mais latina da Europa.

Pois não é verdade que no livro se condensam quantas actividades impelem um povo para as grandezas da vitória do pensamento e da emoção espiritual?

Então, aí está: a 2.ª exposição do livro italiano, desta vez com muito do que faltou à primeira, por isso que os objectivos se alargaram consideravelmente, vai efectuar-se perante a curiosidade de quem lê, de quem escreve, de quem pensa e de quem fala. E, para que não sofram mácula intenções de puro sentido intelectual, o Dr. Bolasco explica logo de entrada:

— Sei colocar o meu papel de político, à margem da minha qualidade de amigo de Portugal. De resto, eu não faço mais do que aproveitar a semente que está lançada à terra pelas tendências naturais do povo: a exposição terá principal-

mente o mérito de proporcionar a verificação de uma realidade que todos nós conhecemos... Cada português compreende duas linguas: a sua e a italiana. Quando não sabe ler, sabe ouvir. Por consequência, o livro está indicado para o desempenho de uma alta missão cultural e afectiva, quando estiver devidamente divulgado...

— Vamos, pois, ter uma grande exposição?

— Grande no sentido dos números, pois comportará 3.200 obras, com 4.000 volumes; grande no sentido da qualidade, pois todo o panorama larguissimo da literatura italiana terá aqui representação condigna, num ambiente de particular interesse, preparado por Lino António.

O Dr. Enzo Bolasco sorri:

— Pela primeira vez, sabe? Em todos os países onde se têm realizado exposições idênticas, sempre artistas italianos têm a seu cargo a encenação da exposição...

Quando perguntámos o que será esta, concretamente, o Dr. Enzo Bolasco vai buscar largas folhas de papel dactilografadas onde se perfilam números e palavras. A exposição ficará dividida em várias secções distribuídas pelo «hall» e pelo «foyer» do D. Maria II. A literatura italiana, clássica, moderna e contemporânea terão notável representação, com sub-secções referentes a política, nomeadamente o que diz respeito à história do corporativismo. Além disso, Pirandello e D'Annunzio — dois compendios de capricho e complexo espiritual — ocuparão lugar à parte, muito perto

Vai realizar-se em Lisboa a 2.ª Exposição do Livro italiano

do seu camarada nas letras, Alexandre Manzoni, que não deixará de aparecer a documentar a sua época que é também de Espanha, em Milão, com o seu romance «Promessi Sposi»...

Inteiros, os codicis virgiliano e laurenziano, dois documentos que nos legou o século XIV, virão directamente das Bibliotecas do Estado, para serem apresentados ao português leitor.

— E já que estamos a falar de manuscritos — diz o Dr. Bolasco — é bom que se diga também que virão a Lisboa documentos curiosissimos referentes à música italiana: cá estarão manuscritos de Verdi, Puccini, Bellini... Ao todo, 1.300 documentos escritos à mão.

E, depois, do melhor das revelações:

— Para inaugurar a exposição, virá o Professor Pellizzi, um escritor de forte personalidade, cujo contacto pessoal vai ser grato, com certeza, aos intelectuais portugueses. Há-de falar na inauguração da exposição, antes de ser corrido, na tela, um filme de sentido cultural, dedicado ao livro. É claro que fôram já convidados os srs. Presidente da República e Ministro da Educação, para assistir à inauguração da exposição que terá também a presença dos srs. Ministro de Itália, director do Instituto de Cultura Italiana e Instituto para a Alta Cultura. O Dr. Pellizzi dirige superiormente, em Itália, os Institutos de Cultura Italiana.

Esta exposição, que se repetirá no Porto e em Coimbra, faz-se pela boa-vontade e entusiasmo moço do Dr. Enzo Bolasco. Mas ao seu esforço outras boas-vontades se juntaram: a Câmara Municipal de Lisboa, o Instituto para a Alta Cultura, todos aquêles que, de algum modo, tinham um papel a representar na realização deste magnifico certame onde as artes plásticas terão também o seu lugar destacado:

— A pintura, escultura, arquitectura terão representação, digna do país que foi berço de uma civilização notável, através de livros de estudo e critica, assinados por quem tem autoridade para o fazer... Ah! e é bom não esquecer — continua o Dr. Bolasco — teremos uma figuração especial de discos... E para que se saiba quanto se escreve em Itália a respeito de Portugal, haverá uma secção especial, em que ocuparão lugar de vulto as «Relações Históricas entre a Itália e Portugal», editadas pela Real Academia de Itália. Além disso, haverá uma secção curiosa dedicada aos romances modernos — pequenos volumes que vão interessar o leitor português...

Edições luxuosas, doiradas e de carneira finissima, velhas folhas de

pergaminho e papel amarelecido pelo tempo — tudo isso está já em Lisboa: veio pelo combóio, em caixotes enormes, com seguros pesados — seguros de guerra para obras de tamanho valimento... Tudo isso, daqui a dias, vai surgir entre renques de plantas e sobre estantes vistosas.

— Faltam pouco mais de oito dias. O público dirá, passando pelas salas do Nacional, se o esforço desinteressado e afectivo do Dr. Enzo Bolasco não estará de facto largamente compensado...

COMO EU TIREI AS MINHAS RUGAS

Depois do sucesso dos Especialistas de Beleza e dos Produtos Anti-Rugas

UM SIMPLES TRATAMENTO EM CASA FAZ MARAVILHAS



A noite antes de me deitar apliquei um Creme que continha o «Biocel», extracto de células cutâneas de animais novos. Este é igual ao «Biocel» da vossa pele. É esta substância quasi mágica que mantém a vossa pele rija, fresca e jovem. Foi descoberta por um grande professor da Universidade de Viena e o Creme Tokalon Cór de Rosa contém agora. Empregue este alimento para a pele — com «Biocel» — todas as noites antes de se deitar. De manhã ponha o Creme Tokalon Cór Branco. Nutre a pele, aperta os poros dilatados e constitui a melhor base possível para a maquilhagem.

Garantimos os resultados senão devolver-lhe-emos o dobro do preço do custo.

GRATUITO — A todas as leitoras deste jornal será fornecida uma colecção de produtos de beleza, incluindo duas bisnagas de Creme (Rosa e Branco) e Pó de Arroz Tokalon nos diversos tons existentes. Mande 4\$00 em selos, para as despesas do correio, embalagens e outras, a Jules Deligant, L.ª, Serviço 5-D, Rua da Assunção, 88 — Lisboa.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

1

O ATAQUE A PEARL HARBOUR

No dia 7 de Dezembro de 1941, pelas 7 e 30 da manhã, hora local, uma nuvem de aviões japoneses destacou-se no céu do Pacífico, sobre a ilha de Oahu, a mais conhecida do

grupo das Hawaii, onde se encontrava a importante base naval de Pearl Harbour, símbolo e realização do poderio americano. A esquadra americana que ali se encontrava fundada e o pessoal do importante aeródromo de Hickam não se tinha preparado para enfrentar o ataque violentíssimo que ia cair sobre toda a extensão da ilha. Ao longo da costa, tinham-se feito pequenas obras de camuflagem. Muitos oficiais e praças de marinha tinham abandonado as unidades que tripulavam, por se encontrarem de licença. Dezenas de navios de guerra fundeados na base naval estavam colocados lado a lado, como se nada de anormal devesse passar-se naquelas paragens. As patrulhas aéreas, carregadas do serviço da madrugada, tinham feito o seu serviço normalmente e, no regresso, não haviam assinalado a existência, nas proximidades da ilha, de qualquer navio ou avião inimigo.

Os chefes militares que tinham o encargo de assegurar a defesa da ilha eram de opinião, ou pelo menos essa opinião encontrava-se largamente divulgada entre a maior parte deles, de que um ataque a Pearl Harbour só podia ser desencadeado, a partir das bases situadas nas ilhas do arquipélago nipónico, devendo considerar-se, portanto, improvável, dentro do limite dos recursos militares que geralmente eram atribuídos ao Japão.

Os acontecimentos demonstraram, com a rapidez do relâmpago e a intensidade das grandes tragédias, que estas opiniões eram totalmente desprovidas de qualquer fundamento sério. Por virtude delas, a nação americana ia suportar o mais grave revés militar de toda a sua história, o qual devia tornar inoperante, por algum tempo, a colaboração americana na conflagração mundial em que se transformara a guerra europeia e constituir o ponto de partida indispen-

sável para uma série de vitórias espectaculosas das armas nipónicas. Esta circunstância influíu, de maneira decisiva, no conjunto da guerra e pode hoje dizer-se que adiou por largos meses a sua solução.

OS JAPONÊS NAS HAWAI

Os primeiros aparelhos japoneses que voaram sobre a ilha revelaram imediatamente que os seus objectivos haviam sido cuidadosamente escolhidos. Os bombardeiros atacavam, de preferência, os aeródromos e os aquartelamentos. Quase ao mesmo tempo os navios fundeados eram atacados a torpedo por aviões torpedeiros, enquanto outros bombardeiros, voando a grande altura, despejavam incessantemente as suas cargas sobre as instalações da base naval, visando de preferência aquelas onde se encontravam acumulados os «stocks» de munições. A grande maioria dos bombardeiros japoneses empenhados na operação voavam, porém, muito baixo, de maneira que a guarnição da ilha, impotente perante a rapidez e a intensidade do ataque, podia ver claramente os símbolos do Sol Nascente pintados nas asas dos aviões que martelavam a ilha com as suas cargas mortíferas. Antes que as primeiras medidas de defesa, mais instintivas do que produto de uma organização meticulosamente preparada, pudessem produzir os seus efeitos, o pessoal em serviço nas instalações militares e navais da ilha pôde constatar, sem esforço, que a maior parte, senão a quasi totalidade, dos objectivos visados pelos japoneses, tinha sido plenamente alcançada.

Para isso tinham contribuído poderosamente os elementos da quinta coluna nipónica instalados em Pearl Harbour e, de uma forma geral, em todo o arquipélago das Hawaii. Dos 423 mil habitantes destas ilhas, 157 mil eram japoneses, 65 mil hawaianos e apenas 108 mil brancos, dos quais uma pequena percentagem constituída por americanos. Acrescia a circunstância de a maior parte dos japoneses residentes no arquipélago haver adquirido a nacionalidade americana, o que os tornava particularmente beneficiados e os punha a coberto de suspeitas e investigações. A sua acção pôde, por isso, exercer-se com plena segurança durante os meses que precederam o ataque. Assim se justifica também a certeza quasi matemática com que os aviões ni-

pónicos atacaram os objectivos que haviam sido fixados ás suas tripulações. Quanto aos japoneses que não tinham adquirido a nacionalidade americana, esses reservaram-se para as tarefas mais perigosas durante o ataque, tendo a justificar a acção que desenvolveram a circunstância de procederem por patriotismo.

TRÊS ATAQUES EM HORA E MEIA

Pode dizer-se, portanto, que a primeira vaga de assalto não encontrou qualquer opposição séria. A segunda vaga de aviões nipónicos deparou já com uma certa resistência que partia de terra, mas ainda hoje se não encontra completamente esclarecido se desfron- tou aparelhos americanos, os quais levaram algum tempo a levantar

vão. Antes do primeiro ataque, os americanos conseguiram afundar um submarino nipónico que procurava alcançar o limite exterior do porto e foi esta circunstância que contribuiu para acelerar as medidas de defesa nos limites em que isso era possível, dado o estado de impreparação geral que se registava em todas as forças concentradas na ilha.

Um grupo de bombardeiros nipónicos visou de maneira especial Honolulu, onde se registaram 49 mortos e cerca de cem feridos entre a população civil. Durante a primeira fase da luta, chegou precisamente uma esquadilha de bombardeiros americanos que havia levantado vôo da Califórnia e que pôde ainda tomar parte nela. O primeiro desses bombardeiros foi atacado e caiu no solo.





O embaixador Kurusu, enviado especial nipónico a Washington, antes do ataque a Pearl Harbour

Os restantes puderam aterrizar normalmente e colaborar em seguida nas operações defensivas da ilha.

A terceira vaga de assalto deparou já, porém, com uma resistência muito acentuada. A artilharia anti-aérea de terra começou a actuar vigorosamente e os meios de defesa concentrados na esquadra procederam de maneira idêntica. Simultaneamente, as forças aéreas, que não haviam sido destruídas ou inutilizadas durante os ataques anteriores, começaram



também a actuar com energia. Pode dizer-se que este terceiro ataque, pela resistência com que deparou, não produziu estragos apreciáveis. Esse terceiro ataque produziu-se por volta das 9 e 15, hora local. O assalto nipónico, feito em condições excepcionalmente favoráveis, pode mesmo dizer-se que únicas em toda a História, durara aproximadamente uma hora e três quartos. O bastante, dados os métodos aperfeiçoados da guerra relâmpago, para produzir estragos e prejuízos que durante longo tempo, para serem devidamente reparados, haviam de consumir uma boa parte das energias do povo americano.

OS PRIMEIROS COMUNICADOS

Quando foi possível avaliar toda a extensão dos estragos produzidos, verificou-se que, sobretudo no domínio naval, eles eram de molde a enfraquecer, por algum tempo, o valor da colaboração americana. O primeiro comunicado japonês que dava conta do acontecimento era conciso mas não podia deixar mar-

gem para dúvidas sobre o êxito pleno do ataque: «As bases aéreas e navais das Hawaii foram atacadas pelas nossas forças. Os primeiros resultados do ataque conhecidos dão conta de terem sido afundados dois couraçados americanos, havendo mais quatro couraçados e quatro cruzadores gravemente danificados. Grande número de aviões inimigos foi destruído. As perdas da nossa aviação foram mínimas. Um submarino japonês afundou, ao largo de Honolulu, um porta-aviões norte americano».

O comunicado publicado em Washington, dando conta do acontecimento, era igualmente lacónico, mas procurava, tanto quanto possível, evitar a revelação das perdas registadas: «As nossas forças — dizia esse comunicado — sofreram baixas e o ataque inimigo foi mais sério do que a princípio se supôs. Em Pearl Harbour, foi afundado um couraçado antigo. Várias outras unidades da esquadra americana sofreram avarias. Um dos nossos contra-torpedeiros foi pelos ares. Os aeródromos da marinha e da aviação foram bombardeados, tendo sido destruídos diversos «hangares» e inutilizado um grande número de aparelhos. Certo número de bombardeiros chegaram ao local enquanto se desenrolavam as operações e puderam ainda tomar parte nelas. Foram enviados reforços de aviação e está-se já a proceder, no local, aos necessários trabalhos de reparação. As ilhas de Guam, Wade, Midway e Hong-Kong foram igualmente atacadas. Faltam, por enquanto, pormenores sobre o desenrolar e o resultado destas operações».

As revelações posteriormente feitas explicaram, com suficiente clareza, as razões das divergências verificadas nestes comunicados. Os factos ajustavam-se mais ao que fora publicado em Tóquio do que daquele que fora fornecido em Washington, o qual, apesar do seu tom moderado, não podia ocultar o êxito incontestável do ataque de surpresa, realizado pelos japoneses.

O EFEITO DE SURPRESA

O efeito de surpresa desempenhou um papel capital para a vitória japonesa de Pearl Harbour. Os americanos, apesar de esclarecidos pela lição de Porto Artur e apesar do sentimento predominante em alguns meios de Washington, especialmente naqueles que lidavam de perto com a Casa Branca, de que as negociações diplomá-



ticas conduzidas pelo embaixador Kurusu eram uma simples cortina de fumo, destinada a facilitar os últimos preparativos militares para o ataque, não haviam adoptado as mais elementares precauções de defesa e vigilância nas Hawaii. O principal responsável por esse facto era, sem dúvida, o almirante Kimmel, comandante da esquadra do Pacífico, cujo nome ficará indissolúvelmente ligado ao desastre de Pearl Harbour.

Para dar a idéa do papel que a surpresa desempenhou no ataque a esta base naval, basta referir o depoimento de um dos aviadores nipónicos que tomaram parte nele, o tenente Oshimo, que declarou, no regresso da sua missão, ao correspondente do «Messagero» em Tóquio: «Quando voávamos a baixa altura, vimos um dos nossos aparelhos despedaçar-se contra a ponte de comando de um couraçado americano. Fizemos os nossos ataques em vôo a pique e a tão baixa altura que ninguém acreditaria, certamente, que se pudesse atacar assim. Depois de fazer algumas evoluções sobre a ilha Ford, regressi ao porta-aviões de onde tinha partido. Já então deviam considerar-se per-



didos muitos dos navios americanos. A bordo, os marinheiros divertiam-se ouvindo a rádio de Honolulu, gritar que se não se tratava de uma manobra mas de um ataque a sério».

Os americanos, mais tarde, haviam de confirmar a veracidade deste relato que de uma forma geral, se ajusta à realidade dos factos. Estes não deixavam, de resto, a mais pequena dúvida de que o efeito de surpresa jogara plenamente e de que as autoridades que, no local, estavam encarregadas de assegurar a defesa da mais importante base naval de que os americanos dispunham no Pacífico haviam procedido, não apenas com uma visão errada do verdadeiro poder ofensivo do inimigo, mas com uma incuria que os seus compatriotas verberaram e condenaram com inteira razão.

AS CAUSAS DA VITÓRIA JAPONESA

Mas além do efeito de surpresa, outras causas devem ser invocadas para explicar e justificar a vitória japonesa. Essas causas foram resumidas pelas próprias autoridades militares do Japão da seguinte maneira: preparação cuidada, até os mais pequenos pormenores, do ataque aéreo-naval à base de Pearl Harbour; formação

Confie no
VINHO DO PORTO
COM O
SÊLO DE GARANTIA
DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

espiritual severa de todos os oficiais e praças que deviam tomar parte nesse ataque; emprego de armas novas e desconhecidas do inimigo, como os famosos submarinos de alibeira, ou de armas conhecidas, como os aviões torpedeiros, em escala nunca até ali aplicada. A superioridade do material e do pessoal japonesses revelou-se de maneira significativa e traduziu-se, finalmente, por uma vitória espectacular.

«Durante vinte anos, havia de revelar um dos intérpretes da força armada nipónica, o capitão Hiraiide, o pessoal da marinha de guerra japonesa renunciou a todos os prazeres e a todas as comodidades. A sua própria vida familiar foi sacrificada, afim de se conseguir um treino profissional completo. No momento da acção, os meios de defesa mais eficazes que o inimigo tinha concentrado revelaram-se inúteis, pois nada podiam contra a coragem extraordinária dos nossos homens que desafiavam ousadamente a morte. Os pilotos dos nossos aviões de bombardeamento a pique revelaram uma coragem lendária contra a qual nada podiam os meios de defesa materiais».

Essa coragem era, de resto, reconhecida pelo próprio adversário que, entretanto, mais do que dela, sentia que fora vítima da sua impreparação e desejava remediar os erros passados pela afirmação categórica da vontade de que, uma vez a nação americana empenhada na luta, esta devia ser conduzida até às últimas consequências. Estas, segundo a afirmação feita então pelo seu mais categorizado representante, o presidente Roosevelt, não podiam deixar de ser a vitória, quaisquer que fossem as dificuldades a vencer para esse efeito e quaisquer que fossem os obstáculos a dominar.

A EXTENSÃO DOS ESTRAGOS

Na altura em que se produziu o ataque, estabeleceu-se uma confusão natural sobre a verdadeira extensão dos estragos produzidos e especialmente sobre as perdas da Armada americana. O Secretário de Estado para a marinha, Frank Knox, foi enviado ao local afim de proceder a uma investigação sumária sobre as condições em que o desastre se produziu como elemento de prova indispensável para um oportuno apuramento de responsabilidades. Ao regressar dessa missão, em 15 de Dezembro, Knox resumiu assim as perdas sofridas pela esquadra do

(Continua na pag. 23)

Figuras da Vida
MUNDIAL



SIR ARCHIBALD SINCLAIR

Ministro da Aeronáutica britânica, o homem que pelas altas funções que desempenha tem tido uma acção decisiva na organização dos sucessivos ataques aéreos contra a Alemanha e países ocupados

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 21)

Pacífico: um couraçado de 32.600 toneladas, o «Arizona» afundado; um outro navio de grande tonelage mas de pequeno valor militar, que servia para adestramento de oficiais e praças, o «Utah», também afundado; mais quatro outras unidades de tonelage média, três contra-torpedores e um lançaminas, o «Oglala», igualmente perdidos. O couraçado «Oklahoma», que segundo as primeiras versões havia sido afundado, sofreu prejuízos gravíssimos e ficou mesmo voltado, em consequência do ataque, mas não devia considerar-se irremediavelmente perdido. O Secretário de Estado da Marinha norte-americana não fez qualquer alusão concreta aos outros navios avariados, o que se compreende para não alarmar a opinião pública do seu país e para não revelar ao inimigo um segredo que precisava ser cuidadosamente guardado. Todos esses navios exigiam reparações de duração diversa. A imprensa japonesa exaltava o feito dos seus aviadores e marinheiros: «A marinha americana, dizia, recebeu um golpe mortal que espantará o mundo». O golpe não fôra mortal. Mas fôra bastante

rude para inutilizar, durante um período relativamente largo, para a acção a melhor parte da esquadra dos Estados Unidos, cuja colaboração era, naquele momento, mais do que em qualquer outro, indispensável à vitória dos Aliados.

DUAS CONCEPÇÕES DIVERSAS

No Japão a vitória, relativamente fácil, que os seus homens haviam alcançado em Pearl Harbour, criaram um sentimento de confiança absoluta na invencibilidade das armas nipónicas. Um perito militar japonês afirmava que os Estados Unidos necessitavam um prazo mínimo de quatro anos para se recomporerem do golpe que haviam sofrido. Durante esses quatro anos, segundo esse perito, aos americanos restava apenas a possibilidade de conduzir no mar uma guerra com o auxílio de pequenos cruzadores e submarinos, os quais corriam, naturalmente, o risco de terem de defrontar a esquadra de linha japonesa e de serem pulverizados pelos seus canhões. Este sentimento de euforia não era o produto de uma opinião pessoal e isolada, traduzia as idéias predominantes entre os mais categorizados chefes militares do Japão naquela época. Se a vitória de Pearl Harbour abriu aos japoneses o caminho para uma série de vitórias que os levou às portas da Índia e da Austrália no curto prazo de poucos meses, também teve o condão de provocar outras reacções, certamente inesperadas, e que se produziram com uma intensidade invulgar.

O povo americano apercebeu-se rapidamente da extensão da derrota e das suas possíveis repercussões. Se a luta contra as potências do «Eixo» era de molde a criar divisões entre a opinião pública dos Estados Unidos, a guerra contra o Japão vestia-se do carácter de uma verdadeira cruzada nacional em que se mostravam dispostos a colaborar todos os partidos e todos os homens.



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

AQUI JAZEM
TODOS OS DENTES

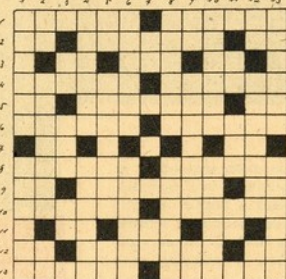
que não têm sido lavados com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Há muitas
MEDICINAIS
e capazes de
destruir o
microbio da
boca, já há uma
EVITA
estomatites
mercuriais
ou bismuticas
EVA
gengivas das
carnadas
Couto, Lda - Porto
L. 5. DOMINGOS - 106

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 57



HORIZONTAIS: 1 — Chapa delgada de metal; Cortés. 2 — Viração; Monturo; Nota musical. 3 — Injusta; Interj. (designativa de admiração); Qualquer. 4 — Vento brando; Soleira. 5 — Base; Observe; Ande. 6 — Dar ânimo; Dizer asneiras. 7 — Parte de navio (inv.); O lado do vento (inv.). 8 — Angústia; Aldeia dos arredores de Lisboa. 9 — Contração de prep. e art.; Embebera; Carta de jogar. 10 —

Trazer (ant.): Espécie de mócho. 11 — Estuda; Passaro; Combinação de prep. e art. 12 — Art. m. pl.; Rasgar; Entregue. 13 — Gasto; Imoral. **VERTICAIS:** 1 — Água-pé; Caverna (pl.). 2 — Donatir; Abjurar; Apelido. 3 — Nociva; Eiró; Ali (inv.). 4 — Retrato; Género de plantas ranunculáceas. 5 — Despido; Morto; Pref. (designativo de «drecções»). 6 — Aromatizar; Amplexo. 7 — Nota musical (inv.); Otha. 8 — Nome de mulher; Cerveja. 9 — Nota musical; Pedra; Abrev. (antes do meio dia). 10 — Sulfato duplo de alumina e potassa; Estandarte. 11 — Nota musical; Oriental; Dormir. 12 — Preposição; Calculo; Entrega. 13 — Parir; Almoceve.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 56

HORIZONTAIS: 1 — Calo; Atar. 2 — Amago; Lueta. 3 — Sic; São; Mil. 4 — Adem; Apto. 5 — Odor; Eneo. 6 — Eternar. 7 — Amor; Anal. 8 — Opor; Além. 9 — Ran; Mãe; Udo. 10 — Áglia; Tirol. 11 — Leão; Raro. **VERTICAIS:** 1 — Casa; Oral. 2 — Amido; Apaga. 3 — Laedemónio. 4 — Og; Motor; Tá. 5 — Os; Rêr; Má. 6 — Ar; Cá. 7 — Ló; Ena; Il. 8 — An; Anana; Ir. 9 — Temperatura. 10 — Atito; Ledor. 11 — Ralo; Molo.

GRAVAÇÃO DE DISCOS

DE TODOS OS GÊNEROS

DECLAMAÇÃO

MÚSICA

CARTAS FALADAS, ETC.



DISCOS VIRGENS

AGULHAS PARA GRAVAÇÃO

AGULHAS CURVAS PARA

REPRODUÇÃO

E TODO O MATERIAL PARA OS
POSSUIDORES DE MÁQUINAS

DE GRAVAÇÃO

Est. Valentim de Carvalho
Rua Nova do Almada, 97



Embora com a guerra junto das suas fronteiras, a Suécia tem mantido, inflexivelmente, a sua rigorosa política de neutralidade. Mas para a impor, agüentando os beligerantes em respeito, preparou convenientemente as suas forças armadas, conservando-as vigilantes, prontas a intervir à primeira voz!

A SUÉCIA ESTÁ VIGILANTE!